

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLAUTO

AS TRÊS MOEDAS
(TRINVMVS)

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
REINA MARISOL TROCA PEREIRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

Professora Auxiliar com Agregação (Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior). Doutoramento em Letras (Linguística), pela Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), pela Universidade de Coimbra; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (leccionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, no âmbito da Cultura Clássica, Literatura, Teoria da Literatura e Linguística); Directora do Curso de Mestrado em Estudos Ibéricos (até 2009); Directora do Curso de Mestrado em Ciências Documentais (desde 2009); membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos; Pós-Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), Universidade de Coimbra, 2013.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORES PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

António Manuel Rebelo

Universidade de Coimbra

José Luís Brandão

Universidade de Coimbra

Margarida Lopes Miranda

Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação, João Pedro Gomes, Nelson Ferreira

Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Aires do Couto

Universidade Católica - Viseu

Nair Castro Soares

Universidade de Coimbra

Arnaldo do Espírito Santo

Universidade de Lisboa

Francisco de Oliveira

Universidade de Coimbra

Carlos Ascenso André

Universidade de Coimbra

Paula Cristina Barata Dias

Universidade de Coimbra

Cláudia Teixeira

Universidade de Évora

Paulo Sérgio Ferreira

Universidade de Coimbra

Elaine Cristine Sartorelli

Universidade de São Paulo

Ricardo Cunha Lima

Universidade de São Paulo

Italo Pantani

Università degli Studi di Roma 'La Sapienza'

Saul António Gomes Coelho da Silva

Universidade de Coimbra

Jacques Paviot

Université Paris-Est

Tom Earle

Universidade de Oxford

José Löhner

Universidade de São Paulo

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS

A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLAUTO

AS TRÊS MOEDAS
(TRINVMVS)

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

REINA MARISOL TROCA PEREIRA

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

As Três Moedas (Trinummus)

The Three Pieces of Money

AUTOR AUTHOR

Plauto

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE LATIN, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Reina Marisol Troca Pereira

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

www.artipol.net

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-0897-6

ISBN Digital

978-989-26-0898-3

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0898-3>

Depósito Legal Legal Deposit

383984/14

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contato Contact

@annablume.com.br

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

RECONHECIDA EM 2001

POCI/2010

© Novembro 2014

Annablume Editora * São Paulo

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Vniversitatis

Conimbrigensis

<http://classica.digitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PLAUTO

AS TRÊS MOEDAS (TRINVMVVS)
THE THREE PIECES OF MONEY

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Reina Marisol Troca Pereira

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade da Beira Interior

RESUMO

Trinummus apresenta-se como mais uma fábula *palliata* de Plauto. Enriquecida pela arte do autor latino, o resultado obtido revelou-se demasiado entediante, elevado e elitista, face ao que habitualmente caracterizava o cómico plautino. Mediante personagens-tipo de classes sociais recorrentes (e.g. velhos, jovens, escravos), abordam-se temas de relevo, centrados, sobretudo, na amizade, moralidade, fidelidade. Assim, o *senex* Cármides, cujos bens perigavam, devido ao seu filho, Lesbonico, deixa Atenas, para remediar a situação. Deixa a sua joven prole (filho e filha) ao cuidado do seu amigo Cálicles, assim como a sua casa, que, conforme lhe confia, em segredo, continha um tesouro enterrado. Porém, encurralado entre o segredo do amigo e o espírito dissoluto de Lesbonico, que aproveitara a viagem do pai para obter lucros, colocando a casa à venda, Cálicles compra a habitação. Por seu turno, o joven Lisíteles, involuntariamente, viria agravar o caso, ao pretender desposar a irmã de Lesbonico. Gera-se a necessidade de providenciar um dote, imperativo em que se ocupa Lesbonico e, de novo, o protector Cálicles. De início alvo de crítica social, na pessoa de Megarónides, e, em termos particulares, de Cármides, entretanto regressado, as suas atitudes são, por fim, louvadas, quando esclarecido o seu propósito.

PALAVRAS-CHAVE

Amizade; fidelidade; aparência; verdade; adolescência; tesouro.

ABSTRACT

Trinummus is another *fabula palliata* by Plautus. Enriched by the art of the Latin author, the result was too tedious and very elitist, compared to what usually characterized the Plautine comic. Through stock characters of fixed social types (e.g. the old, the Young, the slaves), several cultural themes are analyzed, such as friendship, morality, loyalty, money. Thus, the *senex* Charmides, whose assets were in danger because of the conduct of his son, Lesbonicus, leaves Athens. Meanwhile, his young son and daughter were trusted to his friend Callicles, as well as his house. Secretly,

Callicles told Charmides about the treasure buried in his home. However, Charmides was in a dilemma, between keeping the secret of his friend and avoiding the dissolute spirit of Lesbonicus. Using his father's journey to his own profit, the youngster put the house for sale. Therefore, Callicles felt the moral obligation of purchasing it. Lisiteles involuntarily made the situation worse, because of his intention to marry Lesbonicus' sister. The proposal required a dowry, which constituted a problem to Lesbonicus and to Callicles. This senior, wrongly judged both socially (cf. Megaronides), and privately (cf. Charmides, who had returned from his trip), was finally thanked and praised, when all the facts were acknowledged.

KEYWORDS

Friendship; fidelity; appearance; truth; adolescence; treasure.

AUTOR

Professora Auxiliar com Agregação (Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior). Doutoramento em Letras (Linguística), pela Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), pela Universidade de Coimbra; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (leccionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, no âmbito da Cultura Clássica, Literatura, Teoria da Literatura e Linguística); Directora do Curso de Mestrado em Estudos Ibéricos (até 2009); Directora do Curso de Mestrado em Ciências Documentais (desde 2009); membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos; Pós-Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), Universidade de Coimbra, 2013.

AUTHOR

Auxiliary Professor with Aggregation (Faculty of Letters, University of Beira Interior). Ph.D. in Arts (Linguistics), University of Beira Interior, 2003; 2nd PhD (Greek Literature), University of Coimbra; Master in Classical Literature, University of Coimbra, 2000; Degree in Classical and Portuguese Languages and Literatures, University of Coimbra, 1997; Assistant Professor at the University of Beira Interior (teaching disciplines of Bachelor, Master and PhD within the Classical Culture, Literature, theory of Literature and Linguistics), Director of the Master Course in Iberian Studies (until 2009) and Information Sciences (since 2009), member of the Research Centre for Classical and Humanistic Studies at the University of Coimbra; published translations (Greek-Portuguese, Latin-Portuguese) and articles; Post-Doctoral Degree (Literature and Latin Culture and Humanistic), at the University of Coimbra, 2013.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

NOTA PREAMBULAR	10
INTRODUÇÃO	
Modelo	11
Datação	12
Manuscritos / Edições	13
Sinopse / Estrutura	14
Temas	17
Comentários	22
<i>AS TRÊS MOEDAS (TRINVMVS)</i>	27
BIBLIOGRAFIA	113
ÍNDICE TEMÁTICO	117

NOTA PREAMBULAR

ABREVIATURAS

Na presente tradução, as abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina são as de Liddell, H., Scott, R. (1992), *A Greek-English Lexicon*, New York, Oxford University Press, e Glare, P. (1982), *Oxford Latin Dictionary*, New York, Oxford University Press.

As publicações periódicas são referidas pelas abreviaturas de *L'Année Philologique*.

INTRODUÇÃO

MODELO

Adoptando, face às referências gregas, um processo que descreve como *barbare uortere*, também para esta peça Plauto denota a leitura de Θησαυρός (*O Tesouro*) de Filémon, a título de modelo¹ da sua comédia *Trinummus* / *As Três Moedas* (vd. Sicofanta, 843. cf. Ar. *Pl.*)².

É no prólogo³ que a personagem Luxúria denuncia a situação, nos seguintes termos (*Trin.* 18-19):

*Huic Graece nomen est Thensauro fabulae;
Philemo scripsit, Plautus uortit barbare.*

A sua *fabula palliata* enriquece a trama original, moldando à realidade e gostos latinos *cantica* e *diuerbia*; locupletando-a com idiosincrasias, com o cómico ingénito do Povo Romano; ornamentando-a com inúmeras figuras e diversos processos, como os *hapax legomena*, e utilizando variados metros na sua expressão, mormente senários iâmbicos, mas também uma enorme multiplicidade de outros ritmos.

¹ Cf. Fraenkel 2008; Hunter 1980; Klotz 1863; Hunter 1980; Fantham 1977.

² Vd. Segal 1974; Teuffel 1873; Bain 1889; Haupt 1850; Ribbeck 1872; Slater 1985; Della Corte 1967; Harsh 1944. Sobre alguns passos particulares, vd. Prescott 1910; Nitzsch 1857; Riemer 1996.

³ Cf. Abel 1955.

DATAÇÃO

Envolta em alguma controvérsia, a data de composição do *Trinummus* de Plauto parece situar-se em c.190 a.C.⁴. Curiosamente, foram apresentados alguns estudos que tentam revelar uma maior exactidão. Esses trabalhos procuram estabelecer a altura da apresentação desta comédia, tomando o *Curculio* (*Gorgulho*) como referência⁵.

Com efeito, o estilo que o *Trinummus* revela, os seus objectivos, algumas alusões e certos efeitos cómicos só se imaginam e consubstanciam partindo do princípio de que o *Gorgulho* ainda estaria bem presente na mente dos espectadores. Assim, nos versos 1015-1016, Cármides comenta que o mestre de Estásimo devia ser, na realidade, o Gorgulho:

CH. - Huic, quisquis es,

*Gurgulio*st exercitor; is hunc hominem cursuram docet.

Ainda que não fossem comédias de sequela, uma tal suposição apenas faria sentido se o tempo de permeio entre ambas as representações tivesse sido curto. A julgar pelo exemplo de um comediógrafo como Aristófanes, o espaçamento ocorrido entre ambas não excederia um ano.

São vários os elementos que induzem à asserção de um período provável para a sua representação, tais como referências à Arábia; à Macedónia; ao custo de vida; ao *census* (*Trin.* 872). Tomando como princípio que a representação do *Trinummus* tenha ocorrido após o *Gorgulho*, justificam-se alusões várias dificilmente percebidas de outra forma.

Se a menção aos braços de força da Síria poderia seguir de

⁴ Cf. Ano 194 a.C., segundo proposta de Sedgwick 1949: 382. Vd. Buck 1940: 98-102; Slater 1987.

⁵ Cf. Gratwick 1981.

perto o original grego, e a observação face aos da Campânia apontaria para datas posteriores a 211 a.C., a alusão do Sicofanta⁶ aos *novos edis* (*Trin.* 990) apenas se compreende após o jogos Megalenses de Abril de 194 a.C.⁷

MANUSCRITOS/EDIÇÕES

O *stemma codicum* de Plauto comporta duas famílias distintas de manuscritos, a partir do arquétipo⁸. De um lado, o Palimpsesto da Biblioteca Ambrosiana de Milão, do século IV (*Palimpsestus Ambrosianus*), redigido em letras capitulares. Outro ramo (Palatino. Cf. Ms. da Biblioteca Palatina) é ocupado pelos restantes manuscritos, em minúsculas, posteriores ao século X, dispostos por ordem alfabética dos títulos. Os oito manuscritos das primeiras oito peças, pela seguinte ordem: *Amph.*, *Asin.*, *Aul.*, *Capt.*, *Curc.*, *Cas.*, *Cist.*, *Epid.* são de considerável número (e.g. E - Milão, século XII; V - Leiden, séc. XII; J - British Museum, séc. XII), contrariamente às últimas doze, entre as quais se inclui a presente comédia (*viz.* *Bacch.*, *Most.*, *Men. Mil.*, *Merc.*, *Pseud.*, *Poen.*, *Pers.*, *Rud.*, *Stich.*, *Trin.*, *Truc.*), conhecidas sobretudo após a descoberta do *Codex Ursinianus* (D). Eis, pois os mais antigos Ms. deste último ramo: B - *Vetus Codex*, no Vaticano (séc. X); C - *Codex Decurtatus*, em Heidelberg (séc. XI); D - *Codex Ursinianus*, no Vaticano (séc. XI).

A *editio princeps* (Z) das vinte obras de Plauto, onde consta igualmente *Trinummus* deve-se a Giorgio Merula, na localidade de Veneza, no ano de 1472 (PLAVTI *Comoediae XX. per Georgium Alexandrinum Merulam emendatae*. EDITIO PRINCEPS, Esempl. elegantisq. Corio Turcico, Foliis deauratis, cum Illuminationibus, Venet. per Johan. de Colonia, et Vind. de Spira 1472)⁹.

⁶ Cf. Muecke 1985; Lindsay 1896.

⁷ Cf. Liv. 34.54.3.

⁸ Cf. Studemund 1866; Studemund 1889; Sonnenschein 1890.

⁹ Cf. Renouard 1819: 308: *M. Accii Plauti Comoediae XX, ex*

SINOPSE / ESTRUTURA¹⁰

Contrariamente ao que sucede com algumas comédias do cânone plautino, o *Trinummus* apresenta uma nítida divisão em cinco actos. Contém um prólogo, provavelmente de Plauto, e um argumento acróstico¹¹. A primeira letra de cada verso compõe o nome da comédia.

No prólogo (1-22), assiste-se à entrada em cena das duas únicas personagens femininas, ambas personificações, que não mais aparecem na peça, ainda que muitas vezes presentes enquanto princípios: a Luxúria, acompanhada da sua filha, a Pobreza. Porque o jovem Lesbonico gastara todos os bens do seu pai, deixara de ter condições para sustentar a Luxúria. Como tal, a mãe manda entrar a sua filha para dentro da casa do rapaz. Pede-se o silêncio e a atenção do público para a representação.

A iniciar o primeiro acto, Megarónides ocupa a cena com um extenso solilóquio/monódia¹². Lamenta sentir-se na obrigação de censurar o seu amigo Cálicles, pelo comportamento que ele pensava estar a ser praticado pelo companheiro.

Megarónides repreende Cálicles, na segunda cena (39-222), por não estar a corresponder ao voto de confiança de Cármides, antes de viajar, ao entregar-lhe os cuidados da sua casa e dos seus filhos. Todavia, Cálicles esclarece que, aproveitando a sua ausência da cidade por uns dias, no sentido de fazer frente às suas dívidas, Lesbonico colocara a casa à venda. Cálicles resolve então partilhar com Megarónides um segredo que Cármides lhe confiara: ele deveria preservar um tesouro desconhecido de

recognitio Georgii Merulae Alexandrini. Venetiis, opera et impendio Joannis de Colonia Agripinensi : atq; Vindelini de Spira, 1472, in-fol. mar. bleu du Levant.

¹⁰ Cf. Freté 1930.

¹¹ Cf. Fraenkel 2008.

¹² Cf. Danese 1991.

todos, de 3000 moedas de ouro, enterradas na dita habitação. Importava, pois, evitar a venda da casa a estranhos, pelo que Cálicles tivera de suportar os encargos dessa aquisição. Esclarecido, Megarónides elogia a sua atitude.

Deixadas essas personagens, a peça passa a centrar-se no jovem Lisíteles (223-275a). Reflectindo sobre a melhor atitude a seguir na sua vida - se tomar a via do amor ou não (cf. dicotomia *otium/negotium*)¹³ -, Lisíteles conclui que o amor apenas corrói e decide nunca deixar levar-se por esse rumo.

No sentido de corresponder ao seu carácter incorrupto, Lisíteles, na cena seguinte (276-371), convence o seu pai a deixá-lo casar com a irmã do seu amigo Lesbónico, sem receber dote, no sentido de ajudá-lo a recuperar da má situação económica. O pai irá pedir a mão da jovem ao seu irmão. Como tal, na cena subsequente (392-401), Filtão prepara-se para abordar Lesbónico para acertar um acordo de casamento.

Abre então a cena 4 (402-601), na qual Lesbónico concorda dar a sua irmã em casamento, mas não sem dote. Propõe-se entregar o terreno que lhe resta, afinal a sua única fonte de provisão, não obstante as recusas de Filtão. Ao ouvir estas resoluções, Estásimo apressa-se a elaborar uma história de maldições para todos os donos daquele terreno de má índole, a fim de convencer Filtão a nunca querer recebê-lo.

Num novo acto (602-626), Estásimo conta a Cálicles da proposta de casamento. O *senex* resolve procurar Megarónides para elaborarem um plano de recorrer ao tesouro enterrado para dar um dote à rapariga, mas sem que Lesbónico desconfie do segredo.

Lisíteles, na cena seguinte (627-728), em diálogo com Lesbónico, reprova o seu comportamento, mas recusa aceitar

¹³ Cf. Burck 1954; Rosivach 1986.

o dote. Lesbonico pensa que Lisíteles, rapaz de boa condição social, está a ser altivo, soberbo e a subestimá-lo. Se não aceitar o dote proposto, Lesbonico ficará com má fama. Lisíteles discorda e, ouvindo a discussão dos dois, Estásimo começa a fazer planos para um futuro nada risonho.

Entretanto, Megarónides elabora um plano com Cálicles (729-819). Será necessário contratar um aldrabão (Sicofanta) no fórum para fingir ser um amigo de Cármides, que vem do estrangeiro, da parte dele, trazer duas cartas, uma para o seu filho e outra para Cálicles. A este entregará também 1000 moedas de ouro para servir de dote à sua filha. Dessa forma, não causará suspeita que Cálicles desenterte algum ouro.

Cármides, todavia, regressa realmente do estrangeiro e dá graças por ter chegado são e salvo: uma vez mais, o *topos* do *nostos* perturbador, aliás recorrente nas tramas plautinas - eis o início do quarto acto (820-842a). Por coincidência, depara-se com o Sicofanta a dirigir-se para sua casa.

Cármides, primeiramente escondendo a sua verdadeira identidade, conversa com o Sicofanta (cena 2. 843-1007). Depois, assumindo ser o verdadeiro Cármides, toma conhecimento do estratagema logrado que valeu, mesmo assim, o pagamento de três peças de dinheiro (*Trinummus*)¹⁴ ao Sicofanta.

As atenções recaem agora sobre o escravo (1008-1092). Retornando a casa, depois de ter afogado as suas mágoas e apreensões numa taberna, Estásimo apercebe-se de que perdera o seu anel, de modo irrecuperável, dadas as companhias com que estivera no referido local. Cálicles encontra o servo e, depois de ouvir, escondido, os desabafos morais de Estásimo com muita satisfação, apresenta-se. O escravo conta-lhe que Cálicles

¹⁴ São recorrentes, em Plauto, no referente a valores monetários, termos como *nummus*, *drachuma*, *Philippus*, *mina*, *talentum*.

o expulsara a si e ao seu filho da sua casa, que entretanto adquirira por 40 minas. Cálicles desespera. Procura Cármides (cena 4. 1093-1114), que o esclarece de toda a situação entre portas. Satisfeito com as resoluções tomadas pelo seu amigo, Cármides manda Estásimo ao porto para ir buscar os seus pertences de viagem.

Desfeitos os equívocos, a peça encaminha-se rapidamente para o seu término. Na cena de abertura do último acto (1115-1194), Lisíteles fora informado por Estásimo da chegada de Cármides. Resolve, pois, ir ao seu encontro, para acertar o compromisso de casamento com a filha dele.

No derradeiro episódio, Cármides agradece a Cálicles por ter tomado tão bem conta de tudo o que lhe confiara. Agenda-se o casamento de Lisíteles para o dia seguinte. Cármides é convencido a perdoar o filho pelos seus comportamentos. Servir-lhe-á suficientemente de castigo ter de casar-se passado dois dias, punição que Lesbonico aceita de livre vontade.

No *Trinummus*, a inversão e a surpresa são de tal forma, que o escravo, embora não modelar e com manifesto génio para o dolo, não constitui a figura central, nem o principal castigado da última cena. De igual forma, os castigos não consistem em punições físicas, mas num casamento.

TEMAS

Vários são os temas abordados e muitos apenas sugeridos nesta peça. Os *mores* assumem particular relevo. Na realidade, todas as personagens nesta peça têm algo a dizer sobre os *mores*.

Outra temática basilar, de curiosa percepção, é o amor. Mais de cento e cinquenta papéis masculinos em toda a comédia canonicamente plautina, mas apenas meia centena de papéis femininos, entre *meretrices* (em maior número), *puellae*, *matronae*,

ancillae e a categoria das anciãs (*anus*). Na corrente peça, as duas únicas personagens femininas em cena e o teor daquilo que representam (Luxúria e Pobreza) denunciam a negatividade da representação feminina.

Muitas, ainda que não presentes em cena, são apenas referidas, como acontece nesta peça, designadamente a esposa de Cálicles (uma *materfamilias* incapaz de partilhar e de guardar segredos com o seu esposo); a apaixonada de Lesbonico e a sua irmã. De Cármides, denota-se que a sua esposa e mãe dos seus filhos já morrera. Tal como sucede noutras peças (*Captivi* e *Pseudolus*), no *Trinummus* não há intervenções femininas, o que espelha, aliás, a sua diminuta participação na cena pública da Sociedade Romana.

Se parece certo que as muitas jovens cuja liberdade fora adquirida pelo *adulescens* contribuía para a delapidação dos bens do pai do mancebo, outras existiam que se comportavam diferentemente.

Enquanto Lisíteles avança com um pedido de casamento, já Lesbonico preconiza um tipo de *adulescens* dado aos prazeres da vida. O próprio Lisíteles inicia o segundo acto com uma descrição do Amor deveras negativa, o que corrobora a visão apresentada no prólogo e aliás também confirmada pelo seu contributo para a situação de Lesbonico. No prólogo, Plauto contempla a audiência com um tom edificante conferido por uma parábola. Descreve-se como o *officium meretricium* desgraçou o espólio do jovem Lesbonico. A *luxuria* e a *malitia* das *meretrices* demonstram-se igualmente nesta comédia.

Belas quando jovens, depois de casadas, as matronas descuravam em muito o seu aspecto e adquiriam novos hábitos. Assim, muitas vezes o casamento era encarado como um castigo (1183-1185):

CH. – [...] *Haec tibi pactast Callicli filia.*

LE. - *Ego ducam, pater,*

Et eam et siquam aliam iubebis.

CH. - *Quamquam tibi suscensui,*

Miseria <una> uni quidem hominist adfatim.

Denota-se, dessa forma, uma visão misógina sobre a figura feminina e o matrimónio, verbalizando uma apreciação corrente e transversal nas civilizações da Antiguidade Clássica. Dava-se expressão à negatividade da mulher descendente de Pandora (cf. Hes. *Th.* 585: καλὸν κακόν. Cf. 600-601), socialmente diferenciada quanto a tarefas, obrigações e direitos/regalias, porém detentora de capacidades que lhe faziam valer poder(es). No mesmo sentido, o segundo mal (ἕτερον κακόν) apontado por Hesíodo (*Th.* 607): o casamento (γάμον μοῖρα).

Assim, a peça finaliza de um modo agradável, com a agenda de dois matrimónios, não se processasse o casamento como uma forma de castigo - um apresentado como medida punitiva, e um outro que serve de motivo transversal a toda a comédia - o de Lisíteles com a filha de Cármides, a realizar-se no dia seguinte. Tratava-se de uma respeitável *puella*, também referida *in absentia*. Não têm nome, mas ainda assim desempenham papéis com alguma importância e, sem dúvida, determinantes para o desenrolar da intriga.

Com bastante importância surgem também outros temas, como *amicitia, fides, honor, gloria, pietas erga parentes*; outros valores tradicionais romanos; o respeito pelas obrigações assumidas; a *laudatio temporis acti* (ex: Filtão a Lisíteles, 276 sq.). Honrar os antepassados, assumir uma conduta de vida digna e o não fugir da luta, qual apologia de ideais defendidos na tradição Grega (e.g. *Il.* 4.494-499) e expressos, com particular recorrência na época Arcaica Grega (e.g. Callin. fr. 1 Diehl; Tyrt. fr. 6.7 Diehl, fr. 9 Diehl), são motivos de igual forma

determinantes.

Ao contrário de outras peças, no *Trinummus* há sentimentos verdadeiros não invertidos nem deturpados pelo *servuus*. O escravo, aliás, não age, como seria de esperar, contra o *senex*. É certo que ajuda a delapidar os bens e teme pelos tempos que se adivinham, se Lesbonico entregar a sua única terra, contudo a sobriedade dos seus discursos denuncia uma certa tristeza pelo actual estado de deturpação dos *mores*. Sofre na própria pele um empréstimo de dinheiro não devolvido e deixa patente a nefasta influência das más companhias.

Nesta peça, nota-se também a sagacidade das pessoas maduras, o valor da experiência e a concepção da idade como uma mais-valia. A opinião dos pais é tida em conta e os conselhos dos mais velhos, acatados. No *Trinummus*, as histórias elaboradas não têm provimento.

Estásimo é, sem dúvida, um escravo leal aos seus donos, tanto que no final não é acusado, nem castigado. O próprio Cármides, ao ouvir os seus solilóquios, longe da sua vista, chega inclusivamente a enaltecê-lo. É também ele que elabora uma patranha para o velho pai de Lisíteles. Todavia, os fins pareciam justificar os meios - tratava-se de salvaguardar os seus próprios interesses e de igual modo o que restava do património de Lesbonico - um terreno. Todavia, este enredo possui apenas um efeito cómico. Não desvia o rumo da intriga, já que Lisíteles não estava interessado em receber o dote e o pai já anuíra.

Aí, o servo não se apresenta como a figura principal, nem como um trapaceiro omnisciente. Inclusivamente, julga o comportamento do velho Cálicles que desconhece por inteiro, como desonesto (600-601, 611-621) e traidor da confiança que Cármides nele havia depositado. Quando o *senex* seu amo o encontra, assusta-o, dizendo-lhe o que Cálicles fizera - comprara

a sua casa e expulsara o seu filho de lá (1077-1093).

O esquema mais rebuscado pertence curiosamente a um *senex*, bastião dos valores mais tradicionais. De igual modo, o estratagema não segue até ao fim.

Cómica é também a defesa dos *mores*, do valor da amizade¹⁵, a alusão a uma decadência dos costumes num monólogo de um escravo ébrio, de más companhias, frequentador de lugares dissolutos, que acabara de perder o seu anel e que fora enganado por um amigo.

O valor da amizade volta a surgir no hilariante episódio entre Cármenes e o Sicofanta, que o adverte para não falar mal de um *amigo*. Invertem-se os papéis: é Cármenes quem vai enganar o mentiroso. O Sicofanta, por seu turno, mente a respeito da fidelidade a uma amizade que nunca existira e é aqui apresentada a justificação do título da peça - *Trinummus*, três moedas dadas como pagamento ao Sicofanta, pelos seus serviços.

Há pois três tipos diferentes de *fides* e de *amicitia* na peça: uma que não conduz a nada - a de Estásimo; outra ficcionada, a do Sicofanta - o enganador que é enganado; e outra real, a de Cálicles por Cármenes.

Com suma importância percorrem toda a peça a força do boato, o valor da opinião pública e a força da argumentação.

TRINUMMUS

Filémon colocava a tónica da sua peça no tesouro. Em Plauto, todavia, os três numos¹⁶ não passam de um breve motivo de um estratagema acessório e sem resultados. Como tal, causa alguma estranheza um tal título. O próprio tesouro enterrado no interior da casa acaba por ser aludido, através do termo

¹⁵ Cf. Burton 2004.

¹⁶ Cf. Mattingly — Robinson 1935.

thensaurum, somente onze vezes, o mesmo número de ocorrências de *nummus*. O vocábulo que dá nome à peça (*trinummus*) surge apenas em três ocasiões: uma em nominativo, no título; outra no v.20, referido pela Luxúria, e, finalmente, no v.843, pelo Sicofanta. De igual modo, não se trata de uma comédia de dolo (c.3 ocorrências). Notem-se, todavia, os usos de termos como *malis*, por c.45 vezes; *mores*, por c.30; *dos*, por c.30; *fidelitas*, por c.20; *amicus*, por c.45 ... Só entre os versos 1028-1054, ocorrem 14 formas de *mos*!

Curiosamente, o título desta comédia aponta para um episódio de carácter secundário da mesma e sem projecção no desenvolvimento da intriga.

COMENTÁRIOS

Face ao exposto, ganha sólida consistência a asserção de que o *Trinummus* não se afigura como uma vulgar comicidade plautina. De facto, contrariamente a outras peças (e.g. *Mostellaria*), também a partir do mesmo protótipo (Cf. Filémon), regista-se, em *Trinummus*, um grau reduzido de *uirtus comica* plautina¹⁷, em virtude de aspectos como a extensão e o cariz discursivo; a inexistência de caracteres femininos, de *meretrices*, de exposição de figuras libidinosas; a acumulação de *senes*; a inclusão de personagens abstractas. Na realidade, nem parecem pertencer ao mesmo autor os longos monólogos moralizantes¹⁸, quase filosóficos, com a ideia estoica de que cada um deve assumir responsabilidade pelos seus próprios actos. Um manual de preceitos, uma exposição sobre bons costumes, respeito pelos valores tradicionais ... seriam mais prováveis. Apenas episódios dispersos de movimentação cénica e de irreverência inegavelmente plautina

¹⁷ Cf. Brix 1870.

¹⁸ Cf. Anderson 1979; Stein 1970. Cf. Webster 1970.

se coadunam com o estilo habitual do autor.

O metateatro plautino, embora mormente risível, enverga uma forte componente política¹⁹ e moralizante, ainda que num plano algo secundarizado face ao *iocandi genus* do autor. É comum entender-se o *Trinummus* como essencialmente edificante pelas *gnomai* ou *sententiae* (máximas morais). Inicialmente de pendor antidramático, certo é que o Sarsinate pauta a seriedade com elementos cómicos. Consta-se, pois, uma divisão da técnica do dramaturgo latino, reservando uma primeira parte para o prólogo alegórico entre *Luxuria* e *Inopia*. Só depois, a peripécia do escravo. Importa notar, a propósito, o diálogo entre Lisíteles e Lesbonico. O tom sério da conversação é interrompido pelos apartes do escravo Estásimo, que então ouvia a conversa, escondido.

Decerto não seria fácil manter a tranquilidade de espectadores desejosos de se encontrarem com uma cena a que Plauto os acostumara, agora, todavia, atipicamente recheada de extensos discursos de grande seriedade. Teria o *Trinummus* obtido uma boa recepção? A verdade é que a existência do prólogo é fundamental nesta peça para o entendimento de uma trama nem sempre evidente e com contornos de alguma complexidade. Sendo um elemento típico ou não, o certo é que o pedido de silêncio proferido pela Luxúria apresenta grande pertinência, neste caso em especial.

Torna-se, por conseguinte, possível concluir que esta comédia vive mais pelo que é sugerido, calado, omitido, interrompido ... enfim, pelo silêncio preenchido pelos gestos, pelo burlesco pela encenação, do que pelos extensos monólogos, moralizantes e à primeira vista entediantes. Destaca-se sobretudo, considerando as prováveis expectativas, o gosto e a conhecida indisciplina do

¹⁹ Cf. Gagliardi 1963; Frank 1932; Lefèvre 1993; Earl 1960.

público romano, para além do risco que seria apresentar uma comédia de tonalidade moral, que necessitava de uma forte capacidade de reflexão e de disponibilidade para rir de si mesmo.

Sem didascálias, a importância do elemento gestual, da roupa, dos apartes e da actividade dos actores em cena reflecte-se com certas indicações presentes nos próprios diálogos²⁰.

Episódios pouco prováveis quebram frequentemente a monotonia: uma grandiloquência quase épico-trágica; um burlesco de pendor trágico no monólogo de chegada de Cármides (820 sq.); o farsesco, quando o Sicofanta incarna o papel de amigo-mensageiro de Cármides (843 sq.); uma conversa em segredo na rua, onde se temem ouvintes inesperados (Cálicles e Megarónides, 146 sq.); repetições e interrupções insistentes (582 sq.); monólogos sobre moral em momentos de pressa e de urgência, como o de Estásimo, na qualidade de *seruus currens* (1008 sq.); a *anagnorisis*; a ironia visual ...

Embora tomado por alguns como um elemento excessivo na comédia de Plauto, também aqui as interpelações do público e o seu reconhecimento como confidente (e.g. 895) mantêm a assistência atenta, cativa e cúmplice. O solilóquio, embora possa parecer pouco artístico numa comédia, conserva o público alerta, a par da situação e permite recuperar algumas informações porventura perdidas ao longo da representação, pelos mais diversos motivos.

Reside a questão: o que pretenderia Plauto com o seu *Trinummus*, especialmente tendo em conta a sua representação após o *Gorgulho*? Mostrar ser capaz de elevação? Tratar com evidência, de uma forma clara e directa temas como *mos* e *fides*, esporadicamente aludidos ou subjacentes noutras peças? Expressar uma opinião na acesa luta que opunha os excessos da helenização às

²⁰ Vd. *Trin.* 1099: CH - ... | *Sed quis istest tuos ornatus?*

posições de anti-helenismo, aproveitando a denúncia dos *Graeci palliati* expressa no *Gorgulho*? Afinal com a Grécia vinham novos hábitos, a deturpação dos *mores maiorum* tradicionais, a Luxúria, que introduz a peça, e, com ela, a Pobreza, a degeneração e a corrupção. Estaria no *Trinummus* um reflexo do dissídio entre Catão, o Censor e o Círculo dos Cipiões, como expoentes de uma divergência mais generalizada por toda a Sociedade Romana? Porventura não só, mas quiçá também ...

(Página deixada propositadamente em branco)

AS TRÊS MOEDAS

(TRINVMVS)

PERSONAGENS

NO PRÓLOGO

Luxúria

Pobreza

NA PEÇA

Cármides, velho comerciante Ateniense

Cálicles, velho amigo de Cármides

Filtão, velho Ateniense rico

Lesbonico, jovem filho de Cármides

Lisíteles, jovem filho de Filtão e amigo de Lesbonico

Megarónides, velho

Estásimo, servo

Sicofanta

ARGUMENTO

Tendo um tesouro escondido, Cármides viajou para o estrangeiro,

Responsabilizando um amigo seu por tomar conta dos seus bens.

Isso perdeu o seu filho, na sua ausência.

Não passou sem vender a casa: essa comprou-a Cálicles.

Virgem sem dote, assim foi a sua irmã pedida em casamento.

Mexendo o mínimo com a inveja alheia, Cálicles providenciou-lhe um dote.

Manda que se diga que foi trazido ouro da parte do pai.

Vindo para casa, Cármides engana o velho

Senhor, quando este regressa; depois casa os seus filhos.

(A cena tem lugar em Atenas. De um lado, a casa de Cármides e, do outro, a de Filtão)

PRÓLOGO

LUXÚRIA POBREZA

LUXÚRIA

(*Apressada*) Segue-me por aqui, filha, para cumprires as tuas funções.

POBREZA (*tentando acompanhar o passo*)

Estou a seguir-te, mas não sei dizer qual será o término da nossa viagem.

LUXÚRIA (*parando frente à casa de Cármenes*)

Ei-lo! Esta é a casa. Entra já! (*Dirige-se ao público*) Agora, para que nenhum de vós se engane, em poucas palavras, irei colocar-vos no caminho certo, se de facto prometerem dar-me ouvidos. Então, se prestarem atenção, primeiramente, eu vou dizer-vos quem sou e quem é aquela que foi lá para dentro. Em primeiro lugar, Plauto deu-me o nome de Luxúria e quanto a essa aí, a Pobreza, quis que fosse minha filha. Mas por que motivo, seguindo ordens minhas, ela entrou aqui? Escutem e ponham os ouvidos alerta, enquanto eu vos informo. Há um determinado jovem que está a viver nesta casa. Com o meu auxílio, ele deitou o património do pai. Uma vez que estou a ver que já não sobrou nada para ele conseguir manter-me, dei-lhe a minha filha, para ele passar a vida na sua companhia... (*Pausa*) Mas não esperem que eu vos diga nada acerca da trama desta peça! Os velhos que vão aí chegar revelar-vos-ão essa matéria. O nome desta peça, em Grego, é *Tesouro*. Filémon escreveu-a. Plauto traduziu-a da

*língua dos Bárbaros*²¹ e deu-lhe o nome de *Trinummus*. Agora, ele pede-vos isto: que se permita que a peça mantenha este nome. (*Preparando-se para sair de cena*) Basta! Adeus! Assisti em silêncio!

²¹ Os Romanos consideravam *bárbaro* todo o indivíduo que não pertencesse à sua cultura. A referência em questão equivalia a dizer 'Plauto traduziu-a do Grego (para Latim)'.

ACTO I

CENA 1

MEGARÓNIDES

MEGARÓNIDES (*entra, dirigindo-se ao público, com ar sério*)

Reprender um amigo por uma falta que cometeu é um trabalho ingrato, embora, a bem dizer a verdade, útil e lucrativo na vida. Com efeito, eu hoje vou censurar um amigo meu por uma falta de que é culpado. Vai contra o meu querer, não fosse a minha lealdade impelir-me a fazê-lo!

É que houve aqui uma *doença* que atacou os bons costumes. E agora todos ou quase todos eles estão como mortos. Neste meio tempo, aproveitando o facto de eles ainda estarem neste estado mórbido, os costumes vis, como plantas bem aguadas, cresceram em pleno. Não existe aqui mais nada, a não ser esses maus hábitos. Deles pode agora fazer-se uma bela colheita! E é aqui que alguns homens estão a agradar em demasia a uns poucos, quando poderiam ser úteis a muitos. Desta forma, sobrepõem-se aos interesses públicos, os privados, que em muitos aspectos constituem um estorvo e um aborrecimento, e acabam por causar impedimento, quer ao bem privado, quer ao público.

CENA 2

CÁLICLES

MEGARÓNIDES

CÁLICLES (*saindo da casa de Lesbónico*)

A minha vontade é ir pôr uma coroa ao nosso Lares²²!

²² Divindade privada do lar.

(Dirigindo as suas palavras para a sua mulher, no interior da casa) Ó mulher, presta as honras devidas à divindade, para que nos dê prosperidade, felicidade e boa sorte para a nossa casa ... *(completando o pensamento à parte, em voz baixa)*... e que eu possa ver-te morta e enterrada o quanto antes!

MEGARÓNIDES *(avista Cálicles ao longe)*

Ora aqui está aquele que agora, depois de velho, parece uma criança! O tal que cometeu uma falta digna de uma reprimenda! Deixa-me lá ir até ao pé dele! *(Vai ao seu encontro.)*

CÁLICLES *(parecendo-lhe ouvir alguém a aproximar-se)*

De quem será esta voz que eu estou a sentir chegar junto a mim?

MEGARÓNIDES

É de um dedicado amigo, se te mostrares assim como eu te pretendo; caso contrário, então, a voz que ouves é de um inimigo, que está aborrecido contigo.

CÁLICLES

Salve, ó meu amigo! Meu velho companheiro! Como tens passado, Megarónides?

MEGARÓNIDES

Por Pólux, boas, para ti também, Cálicles!

CÁLICLES

Estás bem? Tens estado de saúde?

MEGARÓNIDES

Estou bem, e já estive melhor.

CÁLICLES

Como tem passado a tua mulher? Está bem?

MEGARÓNIDES

Melhor do que eu queria ...

CÁLICLES

Ainda bem para ti, por Hércules, que ela vive e está boazinha ...

MEGARÓNIDES

Por Hércules, creio que ficas feliz com a minha infelicidade!

CÁLICLES

Apenas desejo aos meus amigos o mesmo que a mim próprio.

MEGARÓNIDES

Então e tu - a tua mulher, como tem andado?

CÁLICLES

Ela é imortal ... está viva e para durar.

MEGARÓNIDES

Por Hércules, estás a dar boas notícias! Peço aos deuses que ela te acompanhe por toda a tua vida!

CÁLICLES

Por Hércules! Se fosse contigo que ela estivesse casada, eu desejá-lo-ia de todo o coração!

MEGARÓNIDES

Acaso queres que troquemos? Eu fico com a tua mulher e tu com a minha? Hei-de ver se não me enganas nem um pouquinho...

CÁLICLES

Na verdade, acho que tu é que estás a tentar enganar-me, com o meu descuido.

MEGARÓNIDES

Por Hércules, não há-de demorar muito para que te apercebas naquilo em que te meteste!

CÁLICLES

Fica como estás. O mal que se conhece é o melhor. Pois eu, se agora ficasse com uma mulher que desconhecesse, não saberia o que fazer.

MEGARÓNIDES

Por Pólux, quanto mais feliz se viver, mais tempo se vive! Mas acaba lá com as brincadeiras e presta atenção, pois eu vim ter contigo por um motivo.

CÁLICLES

Porque vieste?

MEGARÓNIDES (*com ar repreensivo*)

Para te dar uma boa reprimenda, com muitas e duras palavras!

CÁLICLES (*surpreendido*)

A mim?!...

MEGARÓNIDES (*olha em redor*)

Por acaso está aqui mais alguém para além de mim e de ti?

CÁLICLES

Ninguém.

MEGARÓNIDES

Então porque é que perguntaste se era contigo que ia barafustar? A menos que pensasses que eu iria discutir comigo mesmo. Se agora os teus antigos princípios começam a esmorecer dentro de ti [se tu fazes tenção de trocar os teus princípios naturais]²³, ou se os costumes do presente modificam o teu íntimo e, em vez de preservares os antigos, adoptas outros dos novos tempos, espalharás uma tal maleita por todos os teus amigos, que quem te ouvir ou vir ficará doente.

CÁLICLES (*irritado*)

O que é que se te pôs na cabeça, para vires dizer-me essas coisas?

²³ Cf. Ritschl, F. (1849), *Comoediae. Trinummus, Bonnae*, Londini/New-York, R.L. Friderich

MEGARÓNIDES

Isto deve-se a que convém a todo o homem e mulher decente manter afastadas de si qualquer suspeita e culpa.

CÁLICLES

É impossível fazer ambas as coisas.

MEGARÓNIDES

Porquê?

CÁLICLES

Ainda perguntas? Porque, no que respeita a não cometer faltas, sou senhor do meu coração; mas a suspeita está instalada no íntimo de outra pessoa. Por exemplo, se eu agora suspeitasse que tu tinhas surripiado a coroa da cabeça de Júpiter Capitolino, que ocupa um lugar de destaque cimeiro no templo, e tu não tivesses feito isso, mas eu, ainda assim, ficasse satisfeito em continuar com as minhas suspeitas, de que forma é que tu poderias proibir-me de suspeitar?

Mas eu quero é saber a que propósito é que vem este assunto.

MEGARÓNIDES

Tens tu algum amigo ou familiar que seja uma pessoa sensata?

CÁLICLES (*intrigado*)

Por Pólux, vou dizer-to com toda a sinceridade: há aqueles que eu sei que são amigos; há aqueles que eu suponho serem-no; há aqueles cuja natureza e espírito eu não consigo saber ao certo se pendem para o lado da amizade, se da inimizade. Todavia, dos meus amigos certos, tu és o mais certo. Se sabes que eu fiz alguma coisa errada ou inadvertidamente, e se não me censurares, então tu é que deves ser punido por isso.

MEGARÓNIDES

Sei sim, e se julgas que eu vim até ti por alguma outra razão, julgas bem.

CÁLICLES (*impaciente*)

Estou à espera que desembuches.

MEGARÓNIDES

Primeiro que tudo, andas com má fama na boca do povo. Os teus patrícios dizem que és ávido por conseguir lucros a qualquer custo²⁴. E há também os que te chamam abutre²⁵ e dizem que pouco te importas se devoras estrangeiros ou concidadãos. Quando ouço dizerem isto de ti, sinto-me miseravelmente infeliz.

CÁLICLES (*encolhendo os ombros*)

Isso está e não está nas minhas mãos, Megarónides: quanto a eles fazerem essas afirmações, não está; se o que dizem se aplica de facto, isso já sim.

MEGARÓNIDES

Acaso não tiveste aqui (*apontando para a casa de Cármides*) um amigo - Cármides?

CÁLICLES

Tive e tenho. Para que acredites que é verdade, vou dar-te uma prova. Ora, depois que o filho dele delapidou os seus bens e se viu na pobreza, a si e à sua filha, já moça, tendo a sua mãe e esposa dele morrido, ele fez tenção de ir para Seleucia. Deixou a sua filha, o seu filho corrompido e todos os seus bens ao meu cuidado. Por conseguinte, se ele fosse meu inimigo, julgo que não mos confiaria.

MEGARÓNIDES

Mas esse jovem, que tu vês perdido e que ficou entregue ao teu cuidado e confiança, por que razão é que tu não o corriges e não o conduzes novamente para o bom caminho? Seria de

²⁴ *Lucricupidus*.

²⁵ Símbolo de uma pessoa avarenta.

todo conveniente que desses mais importância a esse assunto, se pudesses fazer dele um homem mais virtuoso, e não que tu próprio aderisses a essa conduta infame e que unisses o teu mal ao infortúnio dele.

CÁLICLES (*admirado*)

O que é que eu fiz?!...

MEGARÓNIDES

O que um *patife* faria.

CÁLICLES

Isso não é meu ...

MEGARÓNIDES

Acaso não compraste esta casa do rapaz? (*Silêncio*) Porque te calas? (*Aponta para a casa de Cármides*) Esta aqui, onde tu agora estás a morar.

CÁLICLES

Comprei e pus por ela quarenta minas nas mãos rapaz.

MEGARÓNIDES

Então tu deste dinheiro?

CÁLICLES

Assim foi, e não estou arrependido.

MEGARÓNIDES (*reprovando o acto com a cabeça*)

Valha-me Pólux! Um jovem entregue aos cuidados de alguém de má fé! Acaso não lhe deste uma espada para ele se matar? (*Perante a reacção de total desacordo de Cálicles*) ... Então o que é entregar dinheiro nas mãos de um jovem adolescente, perdido de amores, fraco de espírito, para que acabasse de construir a sua já alicerçada pobreza?

CÁLICLES

Então eu não deveria ter-lhe entregado o dinheiro?

MEGARÓNIDES

Não deverias ter entregado, nem sequer devias ter-lhe comprado ou vendido alguma coisa, nem ter-lhe fornecido recursos para que se tornasse ainda pior. Acaso não te aproveitaste da pessoa que foi confiada ao teu cuidado? E não trataste de arrancar de casa aquele que to confiou? Valha-me Pólux! Que linda incumbência e que encarregado fiel! Deixa-o tomar conta de si próprio - ele teria administrado melhor os seus assuntos!

CÁLICLES

Megarónides, deixas-me de tal maneira constrangido com as tuas acusações, que um assunto que foi entregue à minha discricção, fidelidade e confiança, para que não contasse a ninguém, nem o fizesse público, eis que me vejo agora na necessidade de to confiar.

MEGARÓNIDES

Aquilo que me confiares, vais encontrá-lo no sítio onde o deixaste.

CÁLICLES (*olhando à volta*)

Então olha em redor, não vá alguém estar aqui a ouvir-nos ... e vai dando umas olhadelas de vez em quando, peço-te!

MEGARÓNIDES

Sou todo ouvidos, logo que digas alguma coisa!

CÁLICLES

Se te calares, eu falo! Quando Cármides se preparava para sair daqui para o estrangeiro, mostrou-me um tesouro aqui nesta casa ... aqui, num quarto ... (*Interrompe, de repente, o discurso, por lhe parecer ter ouvido um ruído*)... Mas dá lá uma olhadela à nossa volta!

MEGARÓNIDES (*olha em redor*)

Não há ninguém.

CÁLICLES (*continua*)

... à volta de três mil peças de ouro filípico²⁶!... Sozinho comigo, ele pediu-me, pela nossa amizade e confiança, a chorar de emoção, que não confiasse isto ao seu filho, nem a ninguém por quem isso pudesse começar a chegar-lhe aos ouvidos. Agora, se ele voltar são e salvo, devolver-lhe-ei aquilo que é seu. Mas se lhe acontecer alguma coisa, ficarei com algo donde tirar um dote para a sua filha, que me foi confiada, por forma a colocá-la numa condição de vida digna.

MEGARÓNIDES

Pelos deuses imortais! Quão depressa, com umas poucas palavras, fizeste de mim uma pessoa diferente! Quando vim ter contigo eu era outro! ... Mas agora que começaste, continua a falar!

CÁLICLES

O que hei-de eu dizer-te? (*Pensativo*) Que aquele inútil pôs a perder, quase por completo, o bom senso do pai, a minha confiança e todo o segredo.

MEGARÓNIDES

Como assim?!...

CÁLICLES

Porque, enquanto eu estive no campo, aí uns seis dias, aproveitando a minha ausência e no meu total desconhecimento, sem me consultar, ele pôs anúncios para vender esta casa.

MEGARÓNIDES

O nosso *lobo* ficou mais faminto e abriu a boca com maior impetuosidade. Ficou na tocaia até os *cães* dormirem e fez tenção de levar todo o rebanho.

²⁶ Cf. *Philippeus* / *Philippus* / *aureus*. Moeda de ouro da Macedónia, designada a partir de Filipe, pai de Alexandre Magno. Valor: c. 1/5 de mina (mina ática = 100 dracmas).

CÁLICLES

Por Pólux, era isso mesmo que teria feito, se os *cães* não tivessem pressentido a tempo! Mas agora sou eu que quero fazer-te uma pergunta: o que é que eu devia fazer, diz-me? Teria sido justo revelar-lhe o tesouro, contrariamente ao que o pai dele me tinha pedido, ou deveria eu ter permitido que um outro indivíduo se tornasse dono desta casa? Devia o dinheiro pertencer a quem comprasse a casa? Foi preferível eu ter comprado a casa. Paguei o dinheiro por causa do tesouro, para poder entregá-lo a salvo ao meu amigo. Por conseguinte, eu não adquiri esta casa para mim, nem para proveito próprio: comprei-a, com o meu dinheiro, para lha devolver. As coisas são assim: se foram feitas bem ou mal, eu reconheço o que fiz, Megarónides. Eis as minhas más acções e a minha avaréza. É por causa disto que andam a espalhar boatos maledicentes a meu respeito.

MEGARÓNIDES

Pára! Venceste quem estava a acusar-te! Calaste-me a boca! Não tenho nada a responder-te.

CÁLICLES

Agora sou eu que te faço um pedido: que me ajudes com os teus conselhos e que partilhes comigo este meu fardo.

MEGARÓNIDES

Ofereço-te os meus préstimos.

CÁLICLES

Então onde é que vais estar daqui a bocadinho?

MEGARÓNIDES

Em casa.

CÁLICLES

Queres mais alguma coisa?

MEGARÓNIDES

Que mantenhas a tua fidelidade.

CÁLICLES (*já prestes a sair de cena*)

Está a ser feito com todo o empenho.

MEGARÓNIDES (*surpreso com a afirmação*)

Mas o que é que estás a dizer?!

CÁLICLES (*voltando*)

O que é que queres?

MEGARÓNIDES

Onde é que o rapaz está a viver agora?

CÁLICLES (*apontando*)

Ficou com este pequeno quarto nas traseiras, quando vendeu a casa (*apronta-se para sair novamente*).

MEGARÓNIDES

Era isso que eu queria saber. Vai-te lá embora. (*Ficando a pensar no que lhe fora dito*) ... Mas o que é que dizes? Onde está agora a rapariga? Certamente está na tua casa, não é?

CÁLICLES (*volta de novo*)

Assim é. Estou a cuidar dela quase como se fosse minha filha.

MEGARÓNIDES

Fazes bem.

CÁLICLES

Ainda tens mais alguma coisa a perguntar-me antes de eu me ir embora?

MEGARÓNIDES

Adeusinho! (*Cálicles vai-se finalmente embora*) Não há nada mais parvo nem mais estúpido, nem nada mais mentiroso, nem mais sagaz, nem mais imprudente, nem mais perverso do que

os cidadãos desta urbe, a quem chamamos *libertinos*²⁷. E eu também me incluí nessa lista com eles, uma vez que acreditei naquelas falsas afirmações dos que fingem saber de tudo e não sabem nada. Eles sabem o que cada um tem em mente ou o que há-de ter; têm conhecimento do que o rei segredou aos ouvidos da rainha; sabem o que Juno conversou com Júpiter; o que é e o que não há-de ser - ainda assim, eles sabem-no. Quer eles louvem ou culpem justa ou injustamente uma pessoa que eles queiram, isso não lhes diz nada, desde que eles consigam saber o que pretendem. Toda a gente dizia que Cálicles não era digno de viver nesta cidade e que tinha despojado este jovem rapaz dos seus bens. Eu, pelas palavras destes boateiros, sem saber, fui depressa repreender o meu inocente amigo. Porém, se fosse feita uma pesquisa a fundo para se encontrar a fonte em que eles afirmam basear os seus ditos, e se, à falta de poder ser apresentada, os boateiros não ficassem sem castigo nem mal, se isso se fizesse assim, seria um bem para todos. Fazia-se com que fossem poucos a saberem o que não sabem e com que se abrisse menos a boca para falatórios estúpidos!

²⁷ *Scurra..*

ACTO II

CENA 1

LISÍTELES

LISÍTELES

Estou a revolver muitas coisas ao mesmo tempo no meu íntimo e, ao pensar nelas, sinto muito desconforto! Eu próprio me atormento, mortifico e canso - uma mente em exercício é agora o meu mestre. Contudo, há uma coisa que não está clara para mim e em que ainda não ponderei o suficiente: qual destas duas condutas eu deveria adoptar para mim, qual das duas deveria julgar mais estável para passar os meus dias? Seria preferível entregar-me ao amor, ou, em alternativa, aos negócios? De que forma encontraria a maneira mais prazerosa de viver? A questão ainda não está resolvida da forma mais satisfatória. Creio que farei assim: vou pesar ambas as hipóteses. Serei juiz e réu nessa causa. Assim farei. Desse modo, ficarei satisfeito. Primeiro que tudo, vou falar da arte do Amor, de que forma Ele é útil a alguém. O Amor nunca embrenha nas suas teias ninguém que não seja um homem apaixonado: só a esses deseja. São estes que Ele persegue e a quem, agradável e ardilosamente, presta conselhos desastrosos. É um *falinhas mansas*, um larápio, um mentiroso, um lambão, um ambicioso insaciável, um *aprumadinho*, um gatuno, um corruptor dos homens que frequentam lugares de devassidão, um sedutor sem recursos, que anda à cata de segredos. Pois logo o apaixonado é atacado por flechas de beijos; enfraquece-se o seu espólio e vai-se afundando ... ‘*Se me amas e se puderes, dá-me isto, meu docinho*’, ao que o imbecil diz: ‘Ó luz dos meus olhos, faça-se! Se tu quiseres, ser-te-á dado isso e muito mais!’. Então, vendo-o assim aéreo, ela ainda pede

mais. Mas as coisas então não estavam ainda suficientemente mal - ainda falta acrescentar as despesas com a bebida, a comida e todos os outros gastos. Pelos favores de uma noite, é-lhe trazida a família toda: uma criada de quarto, um escravo massagista²⁸, uma sentinela, mulheres com abanicos, escravas portadoras de sandálias, cantoras, escravas com caixas de toucador, mensageiros, *segundos* mensageiros - uma cambada de ladrões de *couro e cabelo*. Ao mostrar-se complacente para com eles, o apaixonado fica ele próprio na miséria. Quando eu revolvo tudo isso no meu pensamento e em quão pouca conta fica aquele que está em necessidade - vai-te, Amor, não me agradas, nem tenho serventia para ti! Embora seja agradável comer e beber, ainda assim o Amor dá dissabores suficientes, para ser penoso. Foge-se do fórum, foge-se da família, foge-se do seu próprio domínio e ninguém quer tê-lo por amigo. De mil maneiras, o Amor deve ser ignorado, mantido à distância e evitado. É que aquele que se lança no Amor, acaba por terminar de pior forma do que se saltasse de um rochedo. Vai-te, Amor, reserva os teus assuntos para ti próprio. Amor, que nunca sejas meu amigo! Não obstante, tens muitos infelizes a quem fazer mal, logo que os tenhas tomado sob o teu jugo. Esta questão está decidida! Vou aplicar o meu espírito à virtude, por mais esforço que isso implique! Os bons homens esperam para si mesmos ganho, crédito, honra, glória e estima. Esta é a recompensa dos virtuosos. Agrada-me muitíssimo mais viver com os homens de bem do que com uma cambada de coscuvilheiros perversos.

²⁸ *Vnctor*: escravo que fricciona o corpo com azeite ou essências perfumadas.

CENA 2

FILTÃO LISÍTELES

FILTÃO (*sem ver Lisíteles*)

Para onde é que foi este homem, ao sair de casa?

LISÍTELES (*indo ao encontro de Filtão*)

Estou aqui, pai! Diz lá as tuas ordens, que eu não te farei perder tempo, nem vou esconder-me em nenhum buraco, longe da tua vista.

FILTÃO

Estarás a agir em consonância com o resto dos teus actos, se mostrares reverência para com o teu pai. Não quero que maninhas conversa com homens de má índole, nem na rua nem no fórum. Eu sei aquilo que são os costumes nestes tempos. O mau deseja que o bom se torne mau, que seja como ele. Aquele que é mau, o ávido, o cobiçoso, o invejoso turvam e agitam os costumes. Essa raça toma o sagrado pelo profano, o público pelo privado. Eu lamento isto, são estas coisas que me atormentam! É relativamente a isso que eu dia e noite repito para teres cuidado. Só respeitam aquilo em que as suas mãos não possam tocar! Quanto a tudo o resto, '*rouba! traz!*', '*foge! leva!*'. Quando vejo estas coisas, vêem-me as lágrimas - '*porque vivi eu até ver esta raça de homens?*'²⁹. E '*por que razão eu não desci antes ao reino dos justos?*' Na realidade, esses indivíduos louvam os costumes dos seus antepassados e, enquanto os enchem de louvores, vão fazendo com que fiquem enlameados. Por isso, eu agradeço que tu não cultives nem te impregnes com aquelas artes. Leva a vida pelo meu exemplo e de acordo com os costumes antigos. Eu faço-te as recomendações; tu, segue-as! Eu não perco tempo com

²⁹ Cf. Hes., *Op.* 174-175, a propósito da 'quinta idade'.

esses costumes de ralé, sem ordem, com os quais os bons homens estão a desgraçar-se. Se acatares a minha autoridade, muita coisa boa vai instalar-se no teu peito.

LISÍTELES

Desde pequeno até hoje, sempre me submeti à tua autoridade, meu pai. No que concerne às minhas origens, sempre me considerei livre. Quanto às tuas ordens, eu achei por bem que a minha alma te prestasse submissão.

FILTÃO

O homem que, desde tenra idade, se tem debatido com o seu espírito, nesse combate onde deverá decidir-se se ele se deixará modelar pelo domínio da paixão ou se, pelo contrário, ele será como os seus familiares e parentes preferem que ele seja, caso a paixão se apossar desse indivíduo, está feito! Será escravo da sua paixão e deixará de ser senhor de si mesmo. Todavia, se ele próprio vencer essa inclinação, então, durante toda a sua vida, terá a fama de vencedor dos vencedores. Tu, se venceste a paixão e não foi ela que te venceu a ti, então tens que alegrar-te! É muitíssimo melhor que sejas como deverias ser, do que como apraz à paixão: aqueles que vencem a paixão terão sempre a fama de homens melhores do que aqueles que a paixão domina!

LISÍTELES

Tive os teus preceitos sempre como escudo para a minha juventude: que não entrasse em nenhum lugar onde houvesse a presença desses vícios; nem andasse por aí a passear à noite, nem tirasse a ninguém o que é seu; e que tomasse todas as precauções, para não te causar dissabores, meu pai. Mantive sempre os teus princípios intactos, com a minha conduta certa.

FILTÃO

Então porque me censuras? Se agiste bem, o benefício foi

para ti, não para mim. Pois quanto a mim, a vida está quase a acabar - isso diz sobretudo respeito a ti. Aquele que é virtuoso nunca se considera suficientemente honesto, suficientemente virtuoso. Já aquele que está sempre satisfeito consigo mesmo não é nem honesto, nem virtuoso. Quem nunca está feliz consigo próprio é naturalmente dado a fazer coisas boas. Resguarda as tuas boas acções com outras boas acções, para que elas não fiquem demasiado *borrifadas*.

LISÍTELES

Precisamente por isso, meu pai, pensei que, uma vez que existe algo que eu quero, devo pedir a tua autorização.

FILTÃO (*curioso*)

O que é? Já estou desejoso de dar-te o meu consentimento.

LISÍTELES

É a propósito de um jovem daqui, de nobres famílias, meu amigo, da mesma idade, que tratou dos seus assuntos de uma forma desprecavida e impensada. Eu quero fazer-lhe um favor, se tu não te opuseres, pai.

FILTÃO

Do teu bolso, suponho?

LISÍTELES

Do meu bolso, já que aquilo que é teu é meu, da mesma forma que tudo o que é meu é teu.

FILTÃO

O que é que ele faz? Acaso está com necessidades?

LISÍTELES

Está.

FILTÃO

Ele tinha bens?

LISÍTELES

Tinha.

FILTÃO

Como é que os perdeu? Envolveu-se com negócios públicos, ou com empreendimentos marítimos? Acaso possuía mercadoria ou bens para vender, quando perdeu a suas posses?

LISÍTELES

Nada disso!

FILTÃO

Então o quê?...

LISÍTELES

Por Pólux, meu pai, foi por uma questão de gentileza! E depois, ele dissipou uma grande porção a deleitar-se.

FILTÃO (*com tom reprovador*)

Valha-me Pólux, um homem bem recomendado, como se fosse íntimo, que foi por razões pouco virtuosas que dissipou os seus bens e agora está necessitado!... Não compreendo que com essa descrição ele seja teu amigo.

LISÍTELES

É porque ele agiu sem malícia ... eu quero prover às suas necessidades.

LISÍTELES (*irritado*)

É um mau procedimento para com um pobre dar-se-lhe de comer e de beber, na medida em que não apenas se perde o que se lhe dá, mas ainda se prolonga a sua miséria, com a vida. Não estou a dizer isto de má vontade e não é que eu não queira corresponder aos teus desejos. Além disso, eu farei o que te agradar. Todavia, quando faço estas afirmações a respeito dessa pessoa, estou a advertir-te para que tenhas compaixão

dos outros, mas de forma a que os outros não venham a ter compaixão de ti.

LISÍTELES

Tenho vergonha de abandoná-lo e de recusar-lhe ajuda na adversidade!

FILTÃO

Por Pólux! No final de contas, mais vale a vergonha do que o arrependimento!

LISÍTELES

Por Pólux! ... E eu acredito, pai, pela honra dos deuses, dos nossos antepassados e da tua, que possuímos muitos bens, obtidos condignamente! Fazer-se um favor a um amigo não deveria causar arrependimento. Seria antes vergonhoso que não se tivesse feito.

FILTÃO

Se de uma grande fortuna tu subtraíres uma parte, ficará com mais ou com menos?

LISÍTELES

Menos, pai! ... Mas acaso tu sabes o que costuma dizer-se do cidadão que não é prestativo? 'Que venhas tu a perder aquilo que possuis, e a ter o mal que não tens, já que não és capaz de pôr esses bens à disposição para serem usufruídos, nem por ti, nem pelos outros!'

FILTÃO

Pois eu estou perfeitamente ciente de que isso costuma processar-se assim! Todavia, meu filho, uma pessoa é pouco generosa, quando não possui nada de seu, com que executar a sua generosidade ...

LISÍTELES

Com a graça dos deuses, meu pai, temos ambos o suficiente para

o nosso uso e para sermos benevolentes para com os nossos amigos.

FILTÃO

Por Pólux, estou crente de que não posso continuar a recusar-te nada do que me peças. De quem é a necessidade que desejas aliviar? Fala ao teu pai com frontalidade!

LISÍTELES

De Lesbonico, filho de Cármides, este jovem que vive ali (*aponta para a casa de Cármides*).

FILTÃO

Então e quem é que comeu o que ele tinha e o que ele não tinha?

LISÍTELES

Não o censures, pai. A um homem acontecem muitas coisas que ele quer, e outras que não quer.

FILTÃO

Por Pólux, meu filho, não estás a falar a verdade! E não estás a proceder como é teu hábito! Eu acredito que um homem prudente *molda* o seu próprio destino, logo não sucedem muitas coisas que ele não queira, a menos que ele seja um mau *artesão*.

LISÍTELES

É necessário muita prática no ofício para se ser um bom *artesão* da sua vida. Mas ele ainda é um jovem.

FILTÃO

Na realidade, não é pela idade, mas pelo talento que se alcança a sabedoria. A idade é apenas um tempero da sabedoria ... a sabedoria é que é o alimento da idade. Anda lá, diz o que é que queres dar-lhe agora?

LISÍTELES

Nada, pai ... apenas que não me proibas de aceitar, se ele me der alguma coisa a mim.

FILTÃO (*surpreso*)

Acaso tu estarás a aliviar-lhe a sua pobreza, se aceitares alguma coisa vinda dele?!

LISÍTELES

Estarei, pai.

FILTÃO (*confuso*)

Por Pólux, eu gostaria que me esclarecesses esse teu método.

LISÍTELES

Com certeza. Porventura tu sabes de que família é que ele descende?

FILTÃO

Sei. Julgo que de uma das melhores famílias.

LISÍTELES

Ele tem uma irmã, uma jovem rapariga já crescida. Eu desejo, meu pai, tomá-la por esposa, sem dote.

FILTÃO (*espantado*)

Casares-te com ela sem dote?!

LISÍTELES

Sim. Deste modo, a tua propriedade também ficará preservada. Estarás a prestar-lhe um favor enorme e de nenhuma outra forma poderias auxiliá-lo tão vantajosamente.

FILTÃO

Então e eu vou ter de suportar que tu fiques com uma mulher sem dote?!

LISÍTELES

Vais ter de aguentar, pai. E, desse modo, estarás a aumentar a belíssima reputação da nossa família.

FILTÃO

Eu poderia encontrar uma extensa argumentação de monta

e expô-la com eloquência, já que a minha vetusta idade conserva histórias dos tempos antigos ... mas, uma vez que te vejo atrair amizade e estima para a nossa família, embora me tivesse apresentado contrário a ti, eis a minha decisão: dou-te o meu consentimento; faz o pedido e casa-te.

LISÍTELES

Que os deuses te conservem afecto a mim! (*Pausa*) ... Mas junta uma coisa a este favor.

FILTÃO

Ora, que coisa é essa?

LISÍTELES

Eu vou dizer-te: que *tu mesmo* vás ter com ele, arranjes as coisas e lhe faças o pedido.

FILTÃO

Essa agora!? ...

LISÍTELES

Vais conseguir tratar do assunto mais rapidamente: não se tocará mais naquilo que tu decidires. Uma só palavra tua terá mais peso nesta questão do que cem das minhas.

FILTÃO

Veja-se o trabalho em que me fui meter com a minha generosidade ... Vou pôr mãos à obra!

LISÍTELES

Estás a agir bem. (*Aponta para a casa de Cármenes*) Esta é a casa. É aqui que ele mora. O seu nome é Lesbonico. Anda, e trata do assunto. Eu vou esperar-te em casa (*Dirige-se para a sua casa*).

CENA 3

FILTÃO

FILTÃO

Esta não é uma situação das melhores, nem aquela que eu desejaria. Contudo, podia ser ainda pior. E só uma coisa me consola a mim e ao meu espírito - é que um pai que só quer agir pela sua cabeça e aconselha a um filho nada mais do que aquilo que só a si lhe agrada, na realidade não está a fazer nada. Torna-se um pobre de espírito, e não está mais próximo de fazer o que tem que ser feito. Apenas prepara um Inverno vigoroso para a sua velhice, ao desencadear a tempestade fora de estação. *(Abre-se a porta da casa de Cármides)*

Mas está a abrir-se a casa para onde eu ia. Muito a propósito, o próprio Lesbónico está a sair porta fora com o seu servo. *(Filtão esconde-se da vista dos restantes)*

CENA 4

LESBONICO

ESTÁSIMO

Filtão

LESBONICO

Ainda não há quinze dias que recebeste de Cálicles quarenta minas por esta casa. Não é assim como estou a dizer, Estásimo?

ESTÁSIMO

Quando reflecto, penso que me lembro que foi assim.

LESBONICO

E o que é feito desse dinheiro?

ESTÁSIMO

Foi comido e bebido; evaporado em perfumes; mergulhado

em banhos. O peixeiro e o padeiro, os talhantes, os cozinheiros, os verdureiros, os perfumistas, os caçadores de aves levaram a sua parte. Consumiu-se tudo rapidamente. Por Hércules, dividiu-se com não menos rapidez do que sementes de papoila atiradas a formigas.

LESBONICO

Por Hércules! Gastaram-se menos de seis minas nessas coisas.

ESTÁSIMO

E aquilo que deste pela tua consorte?

LESBONICO

Também já a incluí nessa conta.

ESTÁSIMO (*irónico*)

... e fora aquilo em que eu te defraudei?!

LESBONICO

Ufa! Este número é que é pesado!

ESTÁSIMO

Tu não podes ao mesmo tempo gastar e ter, a menos que penses que o teu dinheiro é imortal.

LESBONICO (*à parte*)

Demasiado tarde e estupidamente ... um cuidado que já devia ter sido tomado antes, só depois que ele já papou a coisa é que ele faz contas!

LESBONICO

Ainda assim, as contas não batem certo!

ESTÁSIMO

Por Hércules! As contas batem muito certo: *foi-se!* Não recebeste quarenta minas de Cálicles e ele não recebeu de ti a propriedade da casa?

LESBONICO

Exactamente assim.

FILTÃO (*à parte, espantado*)

Por Pólux! Acho que o nosso rapaz vendeu a sua casa. Quando o seu pai chegar de fora, vai estar a morar na rua ... a não ser que, por acaso, consiga penetrar às escondidas no estômago do seu filho.

ESTÁSIMO

Pagaram-se mil dracmas que tu estavas a dever à tua conta ao banqueiro Olímpico ...

LESBONICO

Sim, pelas quais me tinha comprometido.

ESTÁSIMO

Diz antes '*pelas quais me tinha endividado*' - não foi com essas que, logo a seguir a teres assumido o compromisso, foste obrigado a pagar por aquele jovem que tu dizias ser rico?

LESBONICO

Assim foi ...

ESTÁSIMO (*completando a frase de Lesbónico*)

... pois ... que se perdeu!

LESBONICO

Sim, também foi isso! É que eu vi-o num estado miserável e tive pena dele.

ESTÁSIMO

Tu tens pena dos outros, mas não tens pena nem vergonha de ti.

FILTÃO (*resolvendo aparecer*)

É tempo de eu me acercar.

LESBONICO

Não é Filtão que está a vir para aqui?

É ele mesmo, por Hércules!

ESTÁSIMO

Por Pólux, aí está um que eu gostaria que se tornasse meu escravo, juntamente com o seu pecúlio!

FILTÃO

Filtão dá os seus sinceros cumprimentos ao senhor e ao seu escravo, Lesbónico e Estásimo!

LESBONICO

Que os deuses te concedam, Filtão, tudo aquilo que desejas! Como está o teu filho?

FILTÃO

Como alguém que faz votos de que estejas bem.

LESBONICO

Por Pólux, ele faz por mim o que eu também faço por ele!

ESTÁSIMO (*à parte*)

Aquela afirmação '*como alguém que faz votos de que estejas bem*' não significa nada, a menos que se faça alguma coisa por isso .. eu também desejo ser um homem livre, mas fico-me pelos desejos. (*Apontando para Lesbónico*) Ele talvez deseje tornar-se uma boa pessoa, mas deseja em vão.

FILTÃO

O meu filho enviou-me até ti para propor uma aliança e um laço de amizade entre ti e nós. Ele deseja tomar a tua irmã em casamento. Tem a minha aprovação e é esse também o meu desejo.

LESBONICO (*duvidando das intenções de Filtão*)

Eu, na realidade, não estou a conhecer-te! Vens aí na tua prosperidade rir-te do meu infortúnio.

FILTÃO

Eu sou um homem; tu és um homem: assim Júpiter me

favoreça, eu não vim rir-me de ti, nem penso que isso seria digno! É verdade o que eu te disse: o meu filho quis que eu viesse pedir para ele a tua irmã em casamento.

LESBONICO

Pois eu não devo esquecer-me do estado em que estão as minhas coisas. A minha posição não se equipara à vossa; procurem outra aliança para vós.

ESTÁSIMO (*à parte, em voz baixa, para Lesbónico*)

Acaso tu estás são de cabeça e de espírito para estares a recusar esta proposta? Pois olha que eu acho que encontraste no teu amigo um auxiliar precioso.

LESBONICO (*para Estásimo, irritado*)

Vai-te já daqui embora *para o quinto dos Infernos!*

ESTÁSIMO

Por Hércules! Se eu agora me pusesse para ir, tu havias de proibir-me!

LESBONICO

A não ser que queiras mais alguma coisa de mim, Filtão, já te dei a minha resposta.

FILTÃO

Eu confio, Lesbónico, que tu vais estar mais bem-disposto para comigo, noutra dia, do que eu agora te vejo. É que agir de uma maneira parva e falar-se estupidamente em certas ocasiões, nenhuma das duas coisas traz bem para a nossa vida, Lesbónico.

ESTÁSIMO

Por Hércules, ele está a dizer a verdade!

LESBONICO (*para Estásimo*)

Arranco-te já um olho, se dizes mais uma palavra!

ESTÁSIMO

Por Hércules! Mas eu vou dizer na mesma, e se isso não me for permitido assim com os dois olhos, então terei de falar zarolho.

FILTÃO

Ora tu dizes que a vossa fortuna e a vossa condição não se equiparam à nossa?

LESBONICO

Digo.

FILTÃO

Como assim?!

Pois bem, supõe que ias a um banquete num templo e te calhava, por acaso, ficares com um homem rico ao teu lado, num desses festins que nós chamamos de banquetes populares. Se à frente desse teu vizinho se amontoassem os pratos oferecidos pelos seus clientes e te agradasse um desses manjares assim empilhados, comê-lo-ias ou permanecerias quieto no teu lugar, com o rico senhor, de barriga vazia?

LESBONICO

Comeria, a menos que ele não mo permitisse.

ESTÁSIMO

Por Pólux! Já eu, mesmo que ele não mo permitisse, comeria e devoraria com ambas as bochechas cheias. E nos pratos de que ele mais gostasse eu deitaria as mãos o quanto antes e não lhe sacrificaria nem uma pitada do meu tempo! À mesa não há deferências para ninguém! Aí decide-se acerca do divino e do humano.

FILTÃO

O que dizes é um facto.

ESTÁSIMO

Vou ser sincero contigo: eu cedia-lhe o meu lugar, arredava-me

do caminho das honras públicas ... mas naquilo que respeita ao estômago, por Pólux, nem isto (*mostra a ponta de uma unha*), a menos que antes me tivesse vencido com os punhos. Ao preço a que estão as provisões, um banquete é um legado sem *preço*³⁰.

FILTÃO

Lesbonico, faz sempre por ter presente em mente que o melhor é estar entre as pessoas de mais alta posição, ou, caso não se possa, ficar o mais próximo possível.

Agora, Lesbonico, eu pretendo que dê o teu acordo e que aceites esta aliança que eu estou a propor-te. Só os deuses são ricos. A riquezas e os poderes convêm aos deuses, mas nós, pobres mortais, logo que deixamos escapar o nosso débil sopro de vida, quando mortos, no Aqueronte, o mendigo é considerado com igual valor que um homem muito rico.

ESTÁSIMO (*à parte*)

Será espantoso se tu não conseguires levar as tuas riquezas contigo! Quando se está morto, está-se exactamente como o próprio nome indica.

FILTÃO

Agora, para que possas entender que poderes e meios não têm importância aqui nesta questão e que não estamos a menosprezar a tua amizade, eu peço-te a tua irmã em casamento para o meu filho, sem dote. E que dê tudo em bem! Tenho a tua palavra? (*Silêncio*) Porque te calas?

ESTÁSIMO

Pelos deuses imortais, que proposta!

FILTÃO

Porque não dizes 'que os deuses favoreçam essa união! Eu dou a minha palavra'?

³⁰ *Sine sacris.*

ESTÁSIMO (*à parte*)

Ai! Quando não havia nenhuma vantagem na expressão, ele costumava dizer ‘eu prometo’; agora, quando há utilidade, não é capaz de dizer!

LESBONICO

Já que me julgas digno de fazer uma aliança contigo, Filtão, eu agradeço-te muito. Todavia, apesar de o meu património ter infelizmente diminuído, devido aos meus disparates, eu tenho um pedaço de terra aqui perto da cidade, Filtão. Vou dá-lo à minha irmã como dote de casamento, já que, por culpa das minhas parvoíces, para além da minha vida, só isso restou dos meus bens.

FILTÃO

Na verdade, eu não estou nada importado com o dote.

LESBONICO

Eu estou determinado em dar-lhe um.

ESTÁSIMO (*à parte, em voz baixa, para Lesbónico*)

Ó mestre, acaso estás disposto a apartar de nós a ama que nos está a aguentar? Toma cuidado com o que vais fazer. O que é que nós depois vamos comer?

LESBONICO (*à parte, em voz baixa, para Estásimo*)

Mais uma vez, calas-te?! Acaso devo dar-te satisfações?!

ESTÁSIMO (*à parte*)

Estamos completamente perdidos, a menos que eu consiga urdir alguma coisa. (*Para Filtão*) Filtão, eu quero falar-te. (*Puxa-o para o lado*)

FILTÃO

Se assim queres, Estásimo ... (*Acompanha-o*).

ESTÁSIMO

Retira-te um bocadinho para aqui.

FILTÃO

Está bem.

ESTÁSIMO (*em voz baixa, para Filtão*)

Vou dizer-te isto em segredo. Que nem ele (*aponta para Lesbónico*) nem ninguém o saiba por ti!

FILTÃO

Confia à vontade aquilo que quiseres.

ESTÁSIMO

Pelos deuses e pelos homens, estou a dizer-te, não permitas nunca que essa terra se torne propriedade tua ou do teu filho! Vou dizer-te os motivos disso.

FILTÃO

Por Pólux, gostaria de ouvir.

ESTÁSIMO

O primeiro deles é que sempre que a terra está a ser lavrada, a cada quinto sulco, os bois morrem.

FILTÃO

Vai-te!...

ESTÁSIMO

A entrada do Aqueronte está no nosso terreno. Então as uvas, antes de amadurecerem, pendem pútridas nos cachos.

LESBÓNICO (*vendo o escravo a falar com Filtão, comenta, à parte, para si mesmo*)

Creio que ele está a enganar o homem. Mas, embora ele seja manhoso, não trai a minha confiança.

ESTÁSIMO

Ouve o resto. Quando nos outros sítios a colheita de trigo é muitíssimo abundante, ali rende menos um terço daquilo que tiveres semeado.

FILTÃO

Uh! Deveriam semear-se aí os maus costumes, já que poderia destruir-se a espécie na colheita.

ESTÁSIMO

E nunca ninguém a quem essa terra pertenceu teve os negócios a correrem-lhe tão mal. Daqueles a quem ela coube, alguns foram-se embora, desterrados; outros morreram; outros ainda enforcaram-se. Vê só este a quem ela agora pertence, como ficou reduzido a um beco sem saída.

FILTÃO

Afasta-me essa terra de mim!

ESTÁSIMO

Dirias mais do que ‘afasta-me’, se me ouvisses contar a história completa. Com efeito, uma em cada duas árvores foi fulminada por um raio; os porcos morrem com acutíssimas inflamações na garganta; as ovelhas são ásperas, de tão peladas, (*mostrando a mão*) olha, assim como esta minha mão. E também não há nenhum homem sírio - a raça com maior resistência -, que consiga aí viver por mais de seis meses, pois morrem todos com insolações³¹.

FILTÃO

Estásimo, eu acredito que assim é. Mas a raça da Campânia ultrapassa em muito a dos Sírios, em resistência. Contudo, na realidade, essa terra, segundo o que te ouvi dizer, seria adequada para se mandarem todos os homens de má índole, para benefício público. Assim como se fala das ilhas dos bem-aventurados, onde todos os que levaram uma vida honesta se reúnem um dia; no reverso, parece justo que todos os malfeitores fossem mandados para esse terreno, já que é um sítio assim com essas características.

³¹ *Trin.* 544: *Ita cuncti solstitiali morbo decidunt* (cf. ‘doença do solstício’).

ESTÁSIMO

É um antro de calamidades. Palavras para quê? Se procuras por alguma coisa má, encontrá-la-ás ali.

FILTÃO

Mas, por Hércules, também podes encontrá-la noutros lugares.

ESTÁSIMO

Toma cuidado para não revelares que eu te contei isto.

FILTÃO

Tu disseste-mo em segredo absoluto.

ESTÁSIMO

É que ele (*aponta para Lesbonico*), na realidade, quer ver-se livre dela, se encontrar alguém de quem consiga zombar.

FILTÃO

Por Hércules, essa terra nunca se tornará minha!

ESTÁSIMO

Pois, se tiveres juízo! (*À parte*) Por Hércules, eu afastei lindamente este velho da terra, porque, se o meu amo a deixar escapar, ficaremos sem nada para viver.

FILTÃO (*voltando à companhia de Lesbonico*)

Regresso a ti, Lesbonico.

LESBONICO

Diz-me, por favor, o que é que ele esteve a falar contigo?

FILTÃO

O que achas? Ele é um homem. Quer tornar-se livre. Mas não tem com que pagar.

LESBONICO

E eu quero ser rico, mas em vão.

ESTÁSIMO (*à parte*)

Poderias ter sido, se tivesses querido. Agora, que já não tens nada, não podes.

LESBONICO

O que estás para aí cochichar sozinho, Estásimo?

ESTÁSIMO

Era acerca disso que ainda agora estavas a dizer: se dantes tivesses querido, poderias ter sido; agora, desejas demasiado tarde.

FILTÃO

A respeito do dote, não é possível chegar a nenhum acordo comigo: tu farás como bem entenderes com o meu filho. Por ora, peço-te que aceites entregar a tua irmã ao meu filho, e que tudo corra pelo melhor! (*Perante a falta de resposta*) O que é agora? Ainda estás a considerar?

LESBONICO

E então? ... Já que assim queres, *que os deuses façam tudo correr pelo melhor!* Dou-te a minha palavra!

ESTÁSIMO

Por Pólux, nunca foi tão esperado por ninguém o nascimento de um filho, como eu esperei o nascimento dessa afirmação: *'dou-te a minha palavra!* Os deuses hão-de favorecer as vossas resoluções!

FILTÃO

Assim desejo.

LESBONICO

Agora, Estásimo, vai ali à casa de Cálicles ter com a minha irmã: põe-na ao corrente da situação!

ESTÁSIMO

Irei.

LESBONICO

E dá os meus cumprimentos à minha irmã.

ESTÁSIMO

Com certeza.

FILTÃO (*puxando o braço de Lesbonico*)

Vem por aqui comigo, Lesbonico, para que se acorde com Lisíteles o dia do casamento! Nessa mesma altura trataremos da outra questão.

LESBONICO (*para Estásimo, sem avançar*)

Cuida daquilo que eu te mandei! Eu virei já para aqui.

ESTÁSIMO

Vai lá!

LESBONICO

Diz a Cálicles que venha ter comigo ...

ESTÁSIMO

Mas agora vai.

LESBONICO

... para que ele veja o que é preciso fazer-se a respeito do dote ...

ESTÁSIMO

Agora vai lá!

LESBONICO

... pois eu resolvi que não iria dá-la em casamento sem dote ...

ESTÁSIMO

Mas agora vai!

LESBONICO

... e que eu nunca suportaria ser um estorvo para ela ...

ESTÁSIMO

Vai lá!

LESBONICO

... devido à minha negligência ...

ESTÁSIMO

Anda lá!

LESBONICO

... não parece de modo nenhum justo, pois, já que procedi mal ...

ESTÁSIMO

Vai lá!

LESBONICO

... então que isso me prejudique unicamente a mim.

ESTÁSIMO

Anda lá!

LESBONICO (*para os céus*)

Ó meu pai! Será que vou ver-te mais alguma vez?

ESTÁSIMO

Agora vai! (*Lesbonico ainda hesita*) Vai lá!... Vai lá!... (*Lesbonico sai, na companhia de Filtão*) Finalmente consegui que ele fosse! Por Pólux, uma coisa bem conseguida no meio das nossas desgraças - se acabarmos por salvar o terreno e ainda que seja bastante incerto qual será o desfecho desta situação! Mas, no caso de se perder a terra, o meu pescoço estará a prêmio: deverei carregar por terras estrangeiras um escudo, um capacete e a bagagem. Ele fugirá da cidade, assim que o casamento se realizar. Daqui irá por aí, não sei por onde, *aos caídos*, servir como soldado para a Ásia ou para a Cilícia. Eu vou ali (*aponta para a casa de Cármenes*), aonde ele me mandou ir, embora eu deteste esta casa, desde que essoutro nos expulsou daqui, do nosso lar.

ACTO III

CENA 1

CÁLICLES ESTÁSIMO

CÁLICLES

O quê?! O que é que tu disseste, Estásimo?

ESTÁSIMO

Que Lesbonico, o filho do meu amo, prometeu a irmã dele em casamento - pronto, é isso.

CÁLICLES

A quem é que ele a prometeu?

ESTÁSIMO

A Lisíteles, o filho de Filtão ... sem dote.

CÁLICLES

Ele vai casá-la, sem dote, numa família com tanta riqueza?!
Estás a dizer uma coisa inacreditável!

ESTÁSIMO

Então, por Pólux, não acredites numa só palavra! Se tu não acreditas, eu cá continuarei a acreditar.

CÁLICLES

O quê?!

ESTÁSIMO

Que eu não me importo com aquilo que acreditas.

CÁLICLES

Há quanto tempo, e onde é que isso foi feito?

ESTÁSIMO

Aqui mesmo, diante da porta, *há instantes*, como dizem as pessoas de Prenestes.

CÁLICLES

E Lesbonico, face à sua ruína, soube dar um melhor rumo aos negócios do que no tempo em que estava tudo a salvo?

ESTÁSIMO

Certamente. Na realidade, foi o próprio Filtão que veio fazer o pedido pelo seu filho.

CÁLICLES (*à parte*)

Por Pólux, será uma desgraça se não se der um dote à rapariga. Para mais, eu julgo que esse assunto é a mim que diz respeito. Vou até ao meu censor³² pedir-lhe um conselho. (*Sai*)

ESTÁSIMO

Quase que adivinho e suspeito por que razão se apressa tanto: para expulsar Lesbonico do terreno, depois de tê-lo expulsado de casa. (*Erguendo as mãos para os céus*) Ó Cármides, meu senhor! Quão destruída tem sido a tua propriedade, na tua ausência! Desejo ver-te regressar são e salvo, para te vingares dos teus inimigos e me agradeceres a mim, pelo modo como me comportei e continuo a comportar. É deveras difícil encontrar um amigo digno desse nome, a quem se possam confiar os bens e dormir-se completamente descansado. (*Avistando Lesbonico e Lisíteles*) Mas eis que vejo o nosso genro a vir na companhia do seu cunhado. Alguma coisa - não sei o quê - não está bem entre eles. Um e outro vêm com passo apressado. (*Vendo Lesbonico à frente*) Aquele vem a segurar o outro, que vem atrás, preso pela toga. Não falta elegância às suas poses. (*Retira-se para o lado*) Vou afastar-me um bocadinho para aqui. Desejo ouvir a conversa destes dois parentes.

³² Entenda-se *Megarónides*.

CENA 2

LISÍTELES

LESBONICO

ESTÁSIMO

LISÍTELES

Pára aí! Não te vás embora, nem te escondas de mim!

LESBONICO

Será que não podes deixar-me ir aonde eu estava a ir?

LISÍTELES

Lesbonico, se eu vir que é para teu interesse, seja para a tua glória ou para a tua honra, eu deixarei.

LESBONICO

Estás a fazer aquilo que é muito fácil.

LISÍTELES

O quê?

LESBONICO

A injuriar um amigo.

LISÍTELES

Não é meu costume e nem eu aprendi a fazer isso.

LESBONICO

Para quem não é instruído, faze-lo muito bem! O que farias se alguém te tivesse ensinado a seres tão inconveniente para comigo?! Quando aparentas estares a fazer-me um bem, fazes mal. Estás a prestar-me um mau serviço.

LISÍTELES

Eu?!

LESBONICO

Sim, tu!

LISÍTELES

Que mal é que eu estou a fazer-te?

LESBONICO

Fazeres o que eu não quero.

LISÍTELES

Eu pretendo cuidar bem dos teus interesses.

LESBONICO

És melhor para mim do que eu próprio? Eu sei o bastante e vejo suficientemente bem o que é vantajoso para mim.

LISÍTELES

E por acaso é sinónimo de sabedoria recusar uma gentileza de alguém bem-intencionado?

LESBONICO

Não considero que seja uma gentileza, se não agradar àquele a quem se presta. Eu sei e eu próprio entendo aquilo que tenho que fazer e não perdi o sentido do meu dever, nem eu serei levado pelos teus discursos a deixar de servir os meus princípios.

LISÍTELES

O que dizes?! Pois agora não posso deixar de dizer o que tu mereces: acaso os teus antepassados te transmitiram reputação para que tu, com a tua conduta vergonhosa, perdesse o que anteriormente fora ganho pela sua virtude?³³ Para permitir que tu conservasses a honra do nome para a posteridade, o teu pai e o teu avô delinearam-te um caminho fácil e plano para tu procurares as honras. Mas tu tornaste-o difícil pelas tuas gravíssimas faltas, pelos teus comportamentos degenerados e pelos teus costumes estultos. Optaste e preferiste o teu amor à virtude. Agora, crês que podes cobrir os erros dessa maneira? *Aha*, não podes! Faz favor, recebe a virtude no teu espírito e expele o mal do teu coração! Dá a tua atenção aos teus amigos no fórum, não

³³ Cf. Hopkins 1895.

à tua amiga no leito, como costumás fazer. E eu desejo que esta terra te seja deixada pela seguinte razão: para que tenhas com o que possas corrigir-te, para que os cidadãos que tens por teus inimigos não possam, de maneira nenhuma, atirar-te à cara a tua pobreza.

LESBONICO

Tudo isto que tu disseste eu sei, e até assinaria por baixo - desgracei os meus bens e a honra dos meus antepassados. Eu sabia o que me ficava bem ser, mas, para minha desgraça, não consegui fazê-lo. Pois, vencido pela força de Vénus, tomado pela preguiça, deixei-me cair na má vida. E agora tenho a agradecer-te muitíssimo por tudo o que pretendes fazer por mim. (*Prepara-se para ir-se embora*)

LISÍTELES (*conseguindo, a custo, deter Lesbónico*)

Eu não pretendo dar o meu trabalho como completamente perdido, nem pensar que tu desperdiçaste todos estes discursos. Causa-me sofrimento que tenhas tão pouca dignidade. E em suma, a menos que me ouças e que faças o que eu digo, acabarás por ocultar o teu verdadeiro 'eu'. A Honra não te encontrará e, quando desejares ser especialmente distinguido, estarás na obscuridade. Eu sei perfeitamente, Lesbónico, como é o teu verdadeiro carácter. Sei que, de acordo com a tua vontade, não terias errado, mas o Amor obscureceu o teu espírito e eu próprio conheço o Amor e todos os seus trejeitos. Assim é o Amor: como um projectil que se lança, não existe nada tão rápido nem a voar tão rapidamente, nem a fazer os comportamentos dos homens tão loucos e penosos - passa a agrada-lhe menos aquilo que é mais aconselhável, e aquilo a que é desaconselhado, agrada-lhe. Deseja-se aquilo que não se tem e, quando se tem, já não se quer mais. Tentar afastá-lo é o mesmo que convidá-lo. Procurar dar conselhos? Ele veta-os. É mal insano voltares-te para Cupido

para encontrar refúgio. Mas eu aconselho-te ainda mais uma vez a pensares como esperas agir. Se fizeres como estás a preparar-te para fazer, vais pôr a tua casa em chamas. Terás, consequentemente, o desejo de ter água, para apagares o fogo. E se conseguires - já que o coração dos apaixonados é hábil - não irás deixar nem uma centelha que permita à tua família brilhar.

LESBONICO

É uma coisa fácil de encontrar-se. O fogo dá-se, mesmo que seja pedido a um inimigo. Contudo, tu, com as tuas repreensões, estás a tirar-me das minhas faltas para um caminho ainda pior. Estás a aconselhar-me a conceder-te a minha irmã, sem dote. Ah, não! Não me parece bem que eu, que fiz um uso abusivo do tão grande património, ainda conserve riquezas e um campo, ao passo que ela estará em necessidades. Assim, ela teria razão em odiar-me. Nunca conseguirá ser estimado pelos outros aquele que não for estimado pelos seus. Como disse, fá-lo-ei. Não quero que estejas a remoer isso por mais tempo!

LISÍTELES

Então é preferível, por causa da tua irmã, caíres na pobreza e que eu fique com aquela terra no teu lugar, onde tu poderias ter a tua casa?

LESBONICO

Não quero que sejas tão paternalista para comigo, nem que te preocupes tanto em aliviar a minha pobreza. Ela que não me traga mas é má reputação. Que não corra essa fama de que eu te dei a minha irmã sem dote, fazendo dela mais uma concubina, do que uma legítima esposa. Quem poderia ter pior reputação do que a minha? Esta fama mostraria a tua honestidade e arrastar-me-ia pela lama. Se te casasses com ela sem dote, isso, para ti, representaria um acréscimo na tua reputação; para mim, seria algo para me atirarem à cara.

LISÍTELES

Porquê? Julgarias tu que te tornarás um ditador, se te aceitasse a terra?

LESBONICO

Nem quero, nem peço, nem penso. Ainda assim, a honra de um homem recto é lembrar-se do seu dever.

LISÍTELES

Eu estou bem ciente da tua intenção. Vejo-a, descubro-a e sinto-a ... estás a agir assim para, quando tiveres firmado uma aliança entre nós e quando tiveres cedido este terreno, e não tiveres aqui nenhum meio para garantir a subsistência, saíres pobre da cidade, fugido. Desertarás a pátria, os parentes, as tuas afinidades, os amigos, assim que se realizarem as núpcias. Pensariam que isso seria por minha culpa: teria sido a minha avareza a expulsar-te da pátria. Não ponhas na tua cabeça que eu irei agir de maneira a permitir que tal coisa aconteça!

ESTÁSIMO (*aparecendo diante dos dois jovens*)

Bem, não posso fazer outra coisa que não seja exclamar 'Muito bem, muito bem, Lisíteles! Bis! Obténs a vitória com facilidade! Este foi vencido! A tua comédia vence! Este faz um argumento melhor e compõe melhores versos. Quanto a ti, por causa da tua estupidez, serás multado em uma mina!'

LESBONICO

O que significa esta tua interrupção, ou a tua intromissão, aqui nesta conversa?

ESTÁSIMO (*apercebendo-se de que chegou numa altura inoportuna*)

Da mesma maneira que vim aqui, também me irei embora ...

LESBONICO

Vem aqui para casa comigo, Lisíteles. Aí poderemos conversar mais a respeito desses assuntos.

LISÍTELES (*não saindo do mesmo sítio*)

Não costumo fazer nada às escondidas. Falarei de acordo com aquilo que sinto. Se a tua irmã, como julgo ser justo, me for dada em casamento sem dote, e se tu não saíres daqui, aquilo que for meu, será teu. Mas, se estiveres a magicar de maneira diferente, então que aquilo que fizeres resulte da melhor forma para ti! Eu nunca mais serei teu amigo de outra maneira. Esta é a minha decisão. (*Lisíteles vai para um lado e Lesbonico para outro*)

ESTÁSIMO (*vendo-se sozinho*)

Por Hércules, foi-se embora! Estás a ouvir, Lisíteles? Quero dizer-te uma coisa! O outro também se foi embora. Estásimo, ficaste sozinho. O que me resta fazer, a não ser preparar a trouxa, pôr a minha protecção às costas e mandar pôr solas nos sapatos? Não há nada a fazer! Estou a ver que, dentro em pouco, me tornarei um moço de infantaria. E quando o meu amo se aliar a algum rei para encher a pança, creio que, entre os maiores guerreiros, ele demonstrará bravura ... em fugir e terá o espólio a ser recebido ... por aquele que avançar contra ele. Eu, por mim, logo que pegue no meu arco, na minha aljava e nas setas e puser o capacete na cabeça ... vou dormir tranquilamente na minha tenda. Deixa-me lá ir ao fórum. Vou pedir de volta um talento³⁴ que emprestei já vai para seis dias, para que tenha algum para levar comigo para a viagem.

CENA 3

MEGARÓNIDES

CÁLICLES

MEGARÓNIDES

Da maneira que estás a contar-me, Cálicles, não pode ser de

³⁴ *Talentum* (= 60 minas).

outra forma que não seja dar um dote à rapariga.

CÁLICLES

Por Hércules! Na realidade, dificilmente poderia ser considerado honesto da minha parte admitir que ela contraísse matrimónio sem dote, quando eu tenho os bens dela na minha posse, em casa.

MEGARÓNIDES

O dote está pronto em casa, a menos que queiras aguardar que o irmão a dê em casamento sem dote. Depois tu mesmo poderás ir ter com Filtão e dizer que tu lha entregas com dote e que o fazes em conformidade com a amizade que tens com o pai dela. Mas eu temo isso: que essa oferta vá recriminar-te e te traga má reputação aos olhos do povo. Diriam que não era por acaso que estavas a ser tão generoso para a rapariga. Que o dote que estavas a dar te tinha sido entregue pelo pai dela, que a tua 'generosidade' tinha essa origem. E que tu não o tinhas guardado para ela intacto, tal qual te tinha sido entregue; que tu tinhas ficado com uma parte. Agora, se quiseses esperar o regresso de Cármides, é muito tempo. Nesse entretanto, o desejo de casar com ela poderá abandoná-lo, e é um partido de primeira apanha!

CÁLICLES

Na realidade, por Hércules, tudo isso me vem à cabeça. Vê lá se achas preferível fazer assim: eu ia ter com Lesbonico e punha-o a par de toda a situação ... (*Pausa*) Mas deverei eu revelar um tesouro a um jovem desgovernado, cheio de paixão e de lascívia? Não, de maneira nenhuma. É que eu sei que ele certamente iria devorar tudo até raspar o sítio onde está o dinheiro. Eu temo escavá-lo, não vá ele ouvir o ruído ou então descobrir a própria tramóia, se eu falar em dar um dote.

MEGARÓNIDES

Então, como é que se poderá retirar o dote em segredo?

CÁLICLES

Enquanto não se encontra a ocasião oportuna, eu poderei, entretanto, pedir um empréstimo, em qualquer parte, a um amigo.

MEGARÓNIDES

E será possível encontrar, em qualquer parte, um amigo do qual se consiga obter um empréstimo?

CÁLICLES (*com dúvidas*)

Pode ser ...

MEGARÓNIDES

Parvoíces! Chegarás prontamente a esta afirmação: 'Por Hércules, na realidade, não tenho nada que possa emprestar-te!'

CÁLICLES

E eu diria: 'Por Hércules! Eu preferia antes que me dissessem a verdade, do que emprestarem-me o dinheiro'.

MEGARÓNIDES

Mas vê lá se esta ideia te agrada -

CÁLICLES

O que estás a pensar?

MEGARÓNIDES

Julgo que encontrei uma boa solução.

CÁLICLES

O que é?

MEGARÓNIDES

Embrenhemo-nos em arranjar, o mais rapidamente possível, um homem para se apresentar como se fosse um estrangeiro.

CÁLICLES

E o que é que ele depois deve saber fazer?

MEGARÓNIDES

É preciso que esse indivíduo apareça vestido de forma estranha, como se fosse um estrangeiro, que tenha uma cara desconhecida, que não tenha sido muito visto. Convém que ele seja um mentiroso, um aldrabão, um descarado.

CÁLICLES

E depois, o quê?

MEGARÓNIDES

Esse indivíduo irá ao encontro do jovem, como se estivesse a vir de Seleucia, da parte do seu pai. Ele que o saúde em nome do pai, lhe diga que ele está a sair-se bem nos negócios, que ele se encontra vivo e bem de saúde e que vai regressar em breve. Ele trará duas cartas, que nós vamos marcar com um sinete, como se viessem do seu pai. Dará uma ao jovem e dirá que quer entregar a outra a ti.

CÁLICLES

Continua e esclarece-me mais ainda.

MEGARÓNIDES

Ele dirá que traz ouro para servir como dote do seu pai para a rapariga e que o pai dele mandou entregar-to. Já estás a entender?

CÁLICLES

Quase. E estou a escutar com muito gosto.

MEGARÓNIDES

Então tu, consequentemente, apenas darás o ouro ao rapaz quando a jovem estiver casada.

CÁLICLES

Por Hércules, está muito bem pensado!

MEGARÓNIDES

Assim, quando tu escavares o tesouro, não levantarás quaisquer suspeitas no espírito do rapaz. Ele pensará que o ouro te foi trazido da parte do pai dele, ao passo que tu vais estar a retirá-lo do tesouro.

CÁLICLES

Pensaste muito bem e com rectidão, ainda que eu me envergonhe de, com esta idade, ter de usar de manhas. Mas quando ele trouxer as cartas seladas, não achas que o rapaz não conhece o sinete³⁵ do pai?

MEGARÓNIDES

Será que podes ficar caladinho?! Poderão encontrar-se centenas de razões para explicar isso: que ele perdeu aquele que tinha, e que depois mandou fazer um novo. E depois, ele pode trazê-las sem marca, e então dir-se-á isto - que os fiscais de alfândega³⁶ as abriram e as examinaram. Em assuntos deste tipo é uma estupidez perder o dia com palavreado, a tecer longas conversas sem fim ... Vai-te já embora, em segredo, ter com o tesouro! Manda embora os servos e as criadas, e ... - estás a ouvir?

CÁLICLES

O que é?

MEGARÓNIDES

Faz por esconder este assunto da tua mulher também, porque, por Pólux, não há nada que elas consigam calar. (*Vendo que Cálicles se mantém imóvel*) Porque é que ainda estás aí parado? Porque é que não te vais daqui embora e passas à acção? Abre o tesouro e tira de lá tanto ouro quanto for necessário para o nosso

³⁵ Cf. anel, para efeitos de identificação/assinatura.

³⁶ *Portitores* eram funcionários de alfândega, que examinavam bens e mercadorias provenientes do estrangeiro e cobravam o *portorium*.

negócio. Depois torna a fechá-lo de novo imediatamente, mas em segredo, como te indiquei. Afasta toda a gente de casa.

CÁLICLES

Vou fazer isso mesmo.

MEGARÓNIDES

Mas já estamos a gastar demasiado tempo com esta longa conversa. Estamos a desperdiçar o dia, quando agora precisamos é de apressar-nos. Quanto ao sinete, não há nada a temer, acredita em mim! É uma boa desculpa para dar, como eu disse, essa de elas terem sido inspeccionadas pelos empregados da alfândega. Em suma, não vês a hora do dia? O que é que pensas que ele faz com essa natureza e disposição? A estas horas, ele já está bêbado. Pode demonstrar-se tudo aquilo que se quiser. E depois, o mais importante é que o indivíduo vai dizer - que vem trazer, e não pedir.

CÁLICLES

Agora já é o bastante.

MEGARÓNIDES

Eu vou já contratar um mentiroso³⁷ ao fórum. Depois, vou selar as duas cartas e mandá-lo, convenientemente instruído, até ao rapaz.

CÁLICLES

Pois eu cá vou já entrar no cumprimento da minha tarefa. Quanto a ti, põe mãos à obra nisso.

MEGARÓNIDES

Vou cuidar para que isso se faça da forma mais matreira possível.

³⁷ *Sycophanta*. Designa todo o homem vil e caluniador.

ACTO IV

CENA 1

CÁRMIDES

CÁRMIDES

A Neptuno, rei dos mares e senhor de muitos poderes, irmão de Júpiter e de Nereu, com alegria e contentamento, louvo-te e agradeço a ti e também às ondas salgadas, as quais tiveram muitas vezes poder sobre mim, sobre os meus bens e sobre a minha vida, e que, dos seus domínios, me fizeram voltar são e salvo à minha terra. E a ti, Neptuno, antes das outras divindades, agradeço-te muitíssimo. Na realidade, todos te consideram cruel e severo e de comportamentos vorazes, torpe, cruel, intolerável, violento ... todavia, eu comprovei o contrário. Por Pólux, encontrei-te plácido e benévolo, a meu contento, nas profundezas. Também já anteriormente tinha chegado aos meus ouvidos esta tua glória e o teu célebre costume de, no respeitante aos homens, poupar os pobres e punires e subjugares os ricos. Adeusinho! Eu louvo-te! Sabes como tratar os homens condignamente, com justiça. Isto é digno dos deuses ... revelarem-se sempre benignos para os pobres. Mostraste ser de confiança, ainda que costumem dizer que tu não és de confiar! Ora, se não fosses tu, estou certo de que, no alto mar, os teus assistentes me teriam, de forma ignominiosa, desfeito em pedaços e, junto comigo, teriam também lançado todos os bens deste miserável por todas as direcções, sobre a superfície azul do oceano. Mas ainda agora, como cães raivosos, e não de outra forma, os ventos em furacão circundaram o barco; tempestades e ondas e hostis procelas estavam prestes a abater-se, a derrubar o mastro, a romper as velas, se não fosse a tua bondosa clemência estar à mão. Afasta-te de mim, se faz favor! Já resolvi

que daqui em diante ficarei em sossego. Já tenho o suficiente. Com que sofrimentos me debati quando procurava obter riquezas para o meu filho!

(*Ao ver um indivíduo a encaminhar-se para a sua casa*) Mas quem é este que está a vir pela rua com esses trajes estranhos e essa aparência igualmente estranha? Por Pólux, ainda que eu esteja desejoso por estar em casa, vou aguardar e ficar atento para ver aquilo que ele vai fazer aqui. (*Esconde-se*)

CENA 2

SICOFANTA

CÁRMIDES

SICOFANTA (*a falar sozinho*)

Darei a este dia o nome de *Três Moedas*³⁸, uma vez que hoje troquei a minha participação num esquema de enganos, por três peças de dinheiro. Acabo de chegar de Seleucia, da Macedónia, da Ásia e da Arábia³⁹, que eu nunca visitei, nem com os meus olhos, nem com os meus pés. Veja-se o que a pobreza obriga um pobre homem a fazer! Por causa de três moedas, eu estou agora obrigado a dizer que recebi estas cartas de um homem, que eu não sei quem é, não conheço e nem sequer sei se alguma vez existiu ou não.

CÁRMIDES (*à parte, comentando os trajes do Sicofanta*)

Por Pólux, este tipo pertence a alguma raça de cogumelos: o chapéu cobre-o totalmente. Pela aparência, parece ser um indivíduo de Hilurica⁴⁰, com esses trajes.

³⁸ *Trinummus: tribus nummis*, 'três dracmas'.

³⁹ Cf. *Trin.* 845.

⁴⁰ Cf. *Illyrica*.

SICOFANTA (*sozinho*)

Aquele que me contratou, quando fechou o negócio, trouxe-me a sua casa e mostrou-me e ensinou-me com antecedência o que queria que eu dissesse e de que modo eu deveria fazer as coisas. Agora, se eu acrescentar mais alguma coisa, aquele que me contratou só terá guarnecido melhor o seu plano comigo. Ele vestiu-me e equipou-me: veja-se o que o dinheiro é capaz de fazer! Ele próprio conseguiu-me a fatiota, a expensas suas, de um director de teatro. Ora, se eu for capaz de enganar o homem com a minha vestimenta, dar-lhe-ei mostras de ser um sicofanta à séria.

CÁRMIDES (*à parte*)

Quanto mais olho para ele, menos me agrada a fronha do tipo. Será de admirar se esse indivíduo não for um meliante ou um carteirista? Ele está a rondar a zona, a olhar em volta e a observar as casas. Por Pólux, creio que está a ver o local que se prepara para assaltar em breve. Ainda estou mais desejoso para ver o que vem fazer. Vou prestar atenção ao assunto.

SICOFANTA (*sozinho*)

O indivíduo que me encomendou o serviço indicou-me estas paragens. (*Dirigindo-se na direcção da casa de Cármides*) É naquela casa que as minhas patranhas vão ter lugar. Vou bater à porta.

CÁRMIDES (*à parte*)

O tipo está a fazer caminho directamente para a minha casa. Por Hércules, creio que, estando de regresso, vou ter de fazer vigília esta noite!

SICOFANTA (*batendo à porta da casa de Cármides*)

Abram esta porta! Abram! Ei, pst! Quem é que está a tomar conta desta porta?

CÁRMIDES (*aproxima-se*)

Ó jovem, o que é que procuras? O que queres? Porque bates a esta porta?

SICOFANTA (*aborrecido com tanta questão*)

Eh, velho senhor! Quando me recenseei, pus as minhas contas em dia com o censor! Estou aqui à procura de um jovem chamado Lesbonico, que vive nesta zona, e também procuro um outro sujeito, de cabelos brancos como os teus. (*Mostrando as cartas que traz na mão*) Aquele que me entregou estas cartas disse que ele se chamava Cálicles.

CÁRMIDES (*à parte*)

Então este tipo procura o meu filho Lesbonico e o meu amigo Cálicles, a quem eu confiei os meus filhos e os meus bens!

SICOFANTA

Indica-me, *respeitável senhor*, se sabes onde essas pessoas vivem.

CÁRMIDES

Por que razão procuras por eles? Quem és? ... Então, donde és? Donde vieste?

SICOFANTA

Estás a perguntar muitas coisas ao mesmo tempo. Nem sei a qual delas te responda primeiro. Se fizeres as perguntas uma de cada vez e com calma, deixar-te-ei saber o meu nome, as minhas aventuras e o meu percurso.

CÁRMIDES

Farei como pretendes. Vamos lá, em primeiro lugar, diz-me o teu nome.

SICOFANTA

Começas por fazer uma pergunta muito má.

CÁRMIDES

Então porquê?

SICOFANTA

Porque, respeitável senhor, se tivesses começado, antes do nascer do Sol, a dizer a primeira parte do meu nome, seria já o final da noite antes que tu chegasses ao seu término.

CÁRMIDES

Segundo tu contas, é preciso terem-se preparadas umas provisões de viagem para dizer o teu nome.

SICOFANTA

Eu tenho um outro nome mais pequeno, para aí do tamanho de uma etiqueta de vinho.

CÁRMIDES

Qual é esse teu nome, jovem?

SICOFANTA

'Paz' - é esse o meu nome, o mais quotidiano.

CÁRMIDES

Por Pólux, que nome mais sem tom nem som! É como se eu te dissesse, no caso de te ter emprestado algo: 'Paz' morreu aqui! (*À parte*) Este tipo é, sem dúvida, um sicofanta. (*Para o Sicofanta*) O que dizes tu, rapaz?

SICOFANTA

O que é?

CÁRMIDES

Fala, o que é que essas pessoas que procuras te devem?

SICOFANTA

O pai desse jovem Lesbonico, que é um amigo meu, deu-me estas duas cartas (*Mostra as cartas*).

CÁRMIDES (*à parte*)

Agora é que o apanhei em flagrante! Ele afirma que eu é que

Ihe dei as cartas. Vou divertir-me um bocado com este tipo.

SICOFANTA

Agora que comecei, se me deres atenção, vou continuar a falar.

CÁRMIDES

Vou prestar-te atenção.

SICOFANTA

Ele mandou-me entregar esta carta (*mostra uma das cartas*) ao seu filho, Lesbonico, e também me mandou dar esta outra (*mostra a outra carta*) ao seu amigo Cálicles.

CÁRMIDES (*à parte*)

Por Pólux, com isto com que ele está aqui a passar-me a perna, também me apetece enganá-lo a ele. (*Para o Sicofanta*) Onde é que ele estava?

SICOFANTA (*tentando fugir à questão*)

Ele estava a gerir bem o seu negócio.

CÁRMIDES

Mas onde?

SICOFANTA

Em Seleucia.

CÁRMIDES (*apontando para as cartas*)

Recebeste-as dele próprio?

SICOFANTA

Ele mesmo as entregou nas minhas mãos

CÁRMIDES

Que aspecto tem esse indivíduo?

SICOFANTA

Tem para aí mais pé e meio de altura do que tu.

CÁRMIDES (*à parte*)

É estranho isto, que eu seja pé e meio mais alto quando ausente, do que quando presente. (*Para o Sicofanta*) Acaso conhecias essa pessoa?

SICOFANTA

Que pergunta ridícula! Tenho o hábito de tomar as refeições na sua companhia.

CÁRMIDES

Qual é o nome dele?

SICOFANTA

Por Pólux, o nome de um homem honrado.

CÁRMIDES

Gostaria de ouvi-lo.

SICOFANTA (*HESITANDO*)

Por Pólux, ele ... ele ... ele ... (*À parte*) Ai, infeliz de mim!

CÁRMIDES

O que é que se passa?

SICOFANTA

Por descuido, engoli o seu nome.

CÁRMIDES (*tomando à letra as palavras do Sicofanta*)

Não me agrada o homem que enclausura os amigos com os dentes.

SICOFANTA

E ainda agora estava aqui na ponta dos meus lábios.

CÁRMIDES (*à parte*)

Hoje cheguei mesmo a tempo, antes deste indivíduo.

SICOFANTA (*à parte*)

Tenho para mim que fui apanhado em flagrante!

CÁRMIDES

Já te recordaste do nome?

SICOFANTA

Pelos deuses e pelos homens! Estou envergonhado comigo!

CÁRMIDES

Vê lá bem se conhecias mesmo esse homem ?!

SICOFANTA

Tão bem como a mim próprio. Costuma acontecer-me isto: estar a segurar uma coisa na mão, a vê-la com os olhos, e estar a procurar por ela como se estivesse perdida. Hei-de lembrar-me, letra por letra ... 'C' é a inicial do seu nome.

CÁRMIDES

É Cálías?

SICOFANTA (*depois de pensar um pouco*)

Não é.

CÁRMIDES

Calipo?

SICOFANTA (*pensa um pouco*)

Não é.

CÁRMIDES

Calidémides?

SICOFANTA (*pensa um instante*)

Não é.

CÁRMIDES

Calinico?

SICOFANTA (*medita por uns momentos*)

Não é.

CÁRMIDES

Calírmaco?

SICOFANTA

Não estás a adiantar nada com isso e, além do mais, por Pólux, não estou minimamente interessado nisso, porque eu estou lembrado cá para mim.

CÁRMIDES

Mas é que há aqui muita gente com o nome de Lesbonico. A menos que me digas o nome do seu pai, não posso mostrar-te esses indivíduos que procuras. *(Referindo-se novamente ao nome)* Com o que é que se parece? Talvez possamos encontrá-lo por conjectura.

SICOFANTA

É qualquer coisa como ... *(Com ar pensativo)*

CÁRMIDES

Será Cares?... Cármides? ... *(Prepara-se para continuar, mas é interrompido pelo Sicofanta)*

SICOFANTA

Sim! Cármides! Que os deuses se desfaçam dele!

CÁRMIDES *(irritado)*

Eu já te tinha dito antes que é melhor desejar bem a um amigo, do que mal.

SICOFANTA

Então esse *Zé Ninguém* não ficou escondido entre os meus lábios e os meus dentes?

CÁRMIDES *(cada vez mais irritado)*

Não fales mal de um amigo ausente.

SICOFANTA

Então por que razão esse fulano deveras inútil estava a escapar-me?

CÁRMIDES

Se o tivesses chamado pelo nome, ter-te-ia respondido ...
Mas onde é que ele anda agora?

SICOFANTA

Por Pólux, deixei-o em Radamante, na ilha de Ceocrópia.

CÁRMIDES (*à parte*)

Que homem será mais insensato do que eu, que estou para aqui a indagar onde estou? Ainda assim, isto pode não ser de todo em vão. (*Para o Sicofanta*) O que dizes? ... Respeitante àquilo que te pergunto? Que locais já visitaste?

SICOFANTA

Locais de diversas formas admiráveis.

CÁRMIDES

Gostaria de ouvir, a menos que te incomode.

SICOFANTA

Ora essa, até estou desejoso de dizer. Primeiro que tudo, chegámos ao Ponto, à região da Arábia.

CÁRMIDES

Eh lá! Então a Arábia fica no Ponto.

SICOFANTA

Fica. Não é aquela Arábia onde se produz incenso, mas onde crescem o absinto e orégão das galinhas.

CÁRMIDES (*à parte*)

Como é perfeito este mentiroso! Mas eu sou mesmo um néscio por estar a perguntar a este fulano de que sítio é que vim, uma coisa que eu sei e que ele desconhece, a menos que eu tenha gosto em tentar saber de que forma é que ele vai sair disto no final! (*Para o Sicofanta*) E o que é que dizes mais? Para onde é que foste a seguir?

SICOFANTA

Se me deres atenção, eu vou dizer - para a nascente do rio que procede dos céus, por debaixo do trono de Júpiter.

CÁRMIDES

Debaixo do trono de Júpiter?

SICOFANTA

É o que estou a dizer.

CÁRMIDES

Desde os céus?

SICOFANTA

Sim, mesmo do meio.

CÁRMIDES

Eh lá! Então e tu subiste aos céus?

SICOFANTA

Não. Fomos levados por uma pequena barcaça rio acima, contra a corrente.

CÁRMIDES

Então tu também viste Júpiter?

SICOFANTA

Os outros deuses disseram que ele tinha ido à sua casa de campo, para distribuir a comida aos seus escravos. E depois disso ... *(Sendo interrompido por Cármides)*

CÁRMIDES

E depois disso - não quero que digas mais nada.

SICOFANTA

**** Por Hércules! Já que estás a ser tão desagradável ...

CÁRMIDES

É que é preciso **** ser-se uma pessoa sem decência nenhuma

para dizer que foi da terra até aos céus!...

SICOFANTA

Farei como vejo que desejas. Mas indica-me essas pessoas de quem eu estou à procura, a quem eu devo entregar estas cartas (*Mostra de novo as cartas*).

CÁRMIDES

O que dizes? Se agora tu visses Cármides em pessoa, ele que, segundo tu afirmas, te deu estas cartas, reconhecerias o homem?

SICOFANTA

Por Pólux, acaso me julgas por uma besta, a ponto de não ser capaz de conhecer aquele com quem passei a minha vida? Ou teria sido ele tão estúpido que me entregou mil moedas filípicas, ouro esse que ele me pediu para entregar ao seu filho e ao seu amigo Cálicles, que ele disse ter encarregado de tomar conta da sua propriedade? Tê-las-ia ele confiado a mim, a menos que me conhecesse tão bem a mim como eu a ele?

CÁRMIDES (*à parte*)

Agora é que eu tenho mesmo vontade de aldrabar este aldrabão, se conseguir tirar-lhe essas mil peças filípicas, que ele afirma que eu lhe dei ... a ele, um homem que eu não conheço, que nunca tinha visto diante dos meus olhos antes do dia de hoje. Então eu teria confiado ouro a um fulano a quem, mesmo que tivesse a cabeça a prémio, eu não entregaria nem uma moeda de chumbo?!... Devo sondar este indivíduo com astúcia. (*Para o Sicofanta*) Ei, Paz! Quero dar-te *três palavrinhas*.

SICOFANTA

Ou trezentas ...

CÁRMIDES

Acaso tens o ouro que recebeste de Cármides?

SICOFANTA

Sim, e são mesmo filípicas, contadas à mesa com a sua mão
... mil moedas!

CÁRMIDES

Então recebeste-as mesmo do próprio Cármides?

SICOFANTA

Seria de espantar era se as tivesse recebido do seu pai, ou do
seu avô, que estão mortos.

CÁRMIDES

Sendo assim, jovem, dá-me cá esse ouro!

SICOFANTA (*surpreso*)

Que ouro é que é suposto eu dar-te?

CÁRMIDES

Aquele que confessaste ter recebido de mim.

SICOFANTA

Ter recebido de ti?!

CÁRMIDES

É isso que estou a dizer.

SICOFANTA

Quem és tu?

CÁRMIDES

Eu sou Cármides, aquele que te deu as mil moedas.

SICOFANTA

Não, por Pólux, tu não és ele! Não serás nunca, nem hoje,
nem amanhã - pelo menos no que toca a este ouro! Some-te
daqui, seu impostor! Para ladrão, ladrão e meio!

CÁRMIDES

Eu sou o Cármides.

SICOFANTA

Por Hércules! Não te serve de nada seres, pois eu não trago ouro nenhum! Aproximaste-te da oportunidade com demasiada astúcia! Depois que eu disse que trazia ouro comigo, então tu tornaste-te Cármides. Antes de eu ter mencionado o ouro, tu não eras. Não procede! Pois bem, assim como te *cármidesficaste*, torna a *descármidesficar-te*!

CÁRMIDES

Então quem sou eu, se na realidade não sou aquele que de facto sou?

SICOFANTA

O que é que isso me importa? Desde que não sejas aquele que eu não quero que tu sejas, por mim, podes ser quem quiseses. Ainda há pouco não eras aquele que eras; agora tornaste-te naquele que então não eras!

CÁRMIDES

Vá lá, se é que vais fazer alguma coisa!

SICOFANTA

O que é que eu hei-de fazer?

CÁRMIDES

Entrega-me o ouro!

SICOFANTA

Deves estar a sonhar, velhote!

CÁRMIDES

Admitiste que Cármides te entregou o ouro.

SICOFANTA

Sim (*hesita*) _ por escrito.

CÁRMIDES

Seu malandro, vais despachar-te ou não por para

imediatamente desta zona, antes que eu mande dar-te um enxerto de porrada já aqui?

SICOFANTA

Por que razão?

CÁRMIDES

Porque aquele, a respeito de quem tu tens estado a mentir, sou eu, Cármides em pessoa, aquele que tu dizias que te tinha dado as cartas!

SICOFANTA

Eh lá! Pergunto-te se então tu és mesmo ele?

CÁRMIDES

Pois, na verdade, eu sou mesmo ele.

SICOFANTA

Então tu afirmas? És mesmo ele próprio?

CÁRMIDES

Afirmo.

SICOFANTA

És o próprio?

CÁRMIDES

O próprio, estou a dizer-te. Eu sou o Cármides.

SICOFANTA

Então tu és mesmo ele?

CÁRMIDES

O *mesmíssimo*. Vais-te embora daqui da minha vista?!

SICOFANTA

Pois então agora a sério: uma vez que chegaste ... vais receber os açoites conforme me aprouver a mim e aos novos edis.

CÁRMIDES

Ainda a ultrajar-me?!

SICOFANTA

Homessa! Já que chegaste a salvo, maldito sejas, se eu me importaria minimamente se tivesses morrido antes! Eu por mim já recebi o dinheiro por este serviço; quanto a ti, podes morrer na miséria. De resto, quem tu és ou deixas de ser, não me interessa nem um pouco. Agora irei, para anunciar àquele que me deu três moedas, para lhe fazer o ponto da situação, para que saiba que perdeu o seu dinheiro. Eu vou-me embora. Maldito sejas e pouca saudinha! Que todos os deuses te amaldiçoem, Cármides, pela tua chegada do estrangeiro! (*Sai*)

CÁRMIDES (*sozinho*)

Desde que esse tipo se foi embora daqui, finalmente chegou a hora de falar sem reserva e de aproveitar a ocasião. Já há um bocado que um ferrão está a pungir o meu peito - que assunto é que ele poderia ter a tratar diante da minha casa? Com efeito, essas cartas começam a criar-me algumas reservas no meu coração ... e essas mil moedas também - para que serviriam? Por Pólux! Um sino nunca toca sem motivo - a menos que alguém o manuseie ou o mova, está mudo, está em silêncio. (*Vendo um indivíduo a aproximar-se, de longe*) Mas quem é este que começou a correr para aqui pela rua? Gostaria de observar o que ele vai fazer. Vou retirar-me para aqui. (*Volta ao seu esconderijo*)

CENA 3

ESTÁSIMO

CÁRMIDES

ESTÁSIMO (*só*)

Estásimo, faz por te refugiares depressa na casa do teu senhor! Não vá, subitamente, pela tua estupidez, surgir um

motivo de receio pelo teu dorso! Anda, apressa o passo! Já há um bom bocado que saíste de casa! Vê lá se o chorrilho de vergastadas com tendões de bois não cai sobre ti, se calhares estar ausente quando o teu amo te chamar! Não pares de correr! (*Detém-se repentinamente*) Vê lá, Estásimo, que tipo inútil que tu és! Então não é que te esqueceste do teu anel na taberna, depois de teres estado a lavar a goela com uma bebida quente? Vira-te e corre de volta para o procurares, enquanto a coisa ainda está recente.

CÁRMIDES (*à parte*)

Quem quer que este seja, o Gorgulho é que é o mestre que ensina este homem a correr!

ESTÁSIMO

(*Só*) O quê, seu inútil, não tens vergonha de ti? Teres perdido a memória depois de apenas três copos? É na verdade porque estavas a beber na companhia de homens honestos, que não teriam dificuldade em manterem as suas mãos afastadas da propriedade alheia? Estiveram aí Truco⁴¹, Cercónico⁴², Crino⁴³, Cercóbulo⁴⁴, Colabo⁴⁵, todos homens de olhos esmurrados⁴⁶, homens com nódoas dos ferros que traziam nos pés⁴⁷, escravos normalmente postos a ferros⁴⁸, que foram muitas vezes azorragados⁴⁹. E é no meio desses homens que tu pensavas recuperar o teu anel,

⁴¹ *Truchus/Truthus*. Cf. τρόχος ('roda'). Vd. χεῖρας ἔχειν ('ter mãos [grossas]').

⁴² *Cerconicus*. Cf. κέρκος ('cauda', 'rabo') e νίκων ('vencer').

⁴³ *Crinnus*. Cf. κρίμνος ('migalha'). Vd. κρίμνον ('refeição grosseira / tosca').

⁴⁴ *Cercobulus*. Cf. κέρκος βούλεσθαι? ('desejar').

⁴⁵ *Collabus*. Cf. co- (cum. Lat.) e λαβεῖν: 'aquele que leva tudo consigo'. Vd. κόλλαβος ('bolo').

⁴⁶ *Oculicrepida*, palavra de Plauto.

⁴⁷ *Cruvicrepida*.

⁴⁸ *Ferriteri*.

⁴⁹ *Mastigiae*

quando qualquer um deles poderia surripiar a sola do sapato de um corredor em plena corrida!

CÁRMIDES (*à parte*)

Que os deuses me favoreçam! É um perfeito patife!!!

ESTÁSIMO

Porque estou eu a ir à procura daquilo que está perdido para sempre? A não ser que eu junte também a perda à minha pena, ainda por cima! Porque é que não dás por perdido o que já está perdido? *Pega na escota*⁵⁰! Leva-te de volta ao teu amo!

CÁRMIDES (*à parte*)

Este homem não é nenhum fugitivo. Ele está lembrado da sua casa.

ESTÁSIMO (*só*)

Quem dera que os antigos costumes, que a antiga parcimónia de outrora tivessem mais consideração aqui, do que os maus hábitos!

CÁRMIDES (*escondido*)

Oh, deuses imortais! Este tipo está realmente a começar a falar coisas nobres! Esse procura os antigos costumes! Sabe-se que ama os hábitos antigos dos nossos antepassados.

ESTÁSIMO (*só*)

É que hoje em dia ninguém faz o que é próprio, a não ser aquilo que gosta. Agora a ambição é venerada pelo uso e está livre das leis. Há permissão para deitar os escudos fora e fugir dos inimigos. Tornou-se hábito pedir honras por feitos infames ...

CÁRMIDES (*à parte*)

Um costume vergonhoso!

⁵⁰ 'Dá meia volta, inverte a marcha'. *Capte uorsoriam*: expressão náutica para mudar de direcção.

ESTÁSIMO (*só*)

... tornou-se hábito não ligar aos corajosos!

CÁRMIDES (*à parte*)

É mesmo!

ESTÁSIMO (*só*)

Os hábitos têm agora as leis em seu poder; são mais submissas do que os pais aos filhos. Na sua pobre condição, elas até são fixadas à parede com pregos de ferro, quando seria muito mais justo que fossem os maus hábitos a serem presos.

CÁRMIDES (*à parte*)

Gostaria de aproximar-me e falar com este indivíduo. É com muito gosto que o ouço e temo que, se eu me dirigir a ele, comece a falar de outro assunto.

ESTÁSIMO (*só*)

E por isso não há nada que seja inviolável pela lei. As leis prestam serviço aos hábitos. Porém, os hábitos apressam-se em pilhar, tanto o sagrado, como o que é profano.

CÁRMIDES (*à parte*)

Por Hércules! Seria benéfico se algo de mal se abatesse sobre esses maus hábitos!

ESTÁSIMO (*só*)

Não deveria isto ser publicamente censurado?! É que essa súcia é inimiga de todos e fazem mal a toda a gente. De facto, não preservam a sua honra, destroem a confiança mesmo de quem não merece, já que as pessoas julgam a qualidade desses pela qualidade dos outros ... Como é que isto me veio à mente? Fui alertado para o facto por experiência própria. Empreste-se dinheiro a uma pessoa, dá-se como perdido aquilo que se tem de nosso - quando se pede de volta, pela nossa bondade, encontra-se um amigo feito num inimigo. Caso se comece a pressionar mais,

segue-se optar entre duas coisas: ou se perde aquilo que se emprestou, ou se perde o amigo!

CÁRMIDES (*à parte, finalmente reconhecendo Estásimo*)

Ora, mas este é o meu escravo Estásimo!

ESTÁSIMO (*continuando*)

... Veja-se aquele a quem eu emprestei um talento - fui comprar-me um inimigo com um talento e vendi um amigo ... Mas eu sou estúpido demais para estar a preocupar-me com a moral pública, em vez daquilo que me diz directamente respeito no imediato - conseguir pôr a salvo as minhas costas! Vou para casa. (*Põe-se a caminho*)

CÁRMIDES (*saindo do esconderijo*)

Ei, tu! Pára aí! Escuta!

ESTÁSIMO (*continuando a andar*)

Eh tu! Não paro!

CÁRMIDES

Eu quero-te ... (*É interrompido*)

ESTÁSIMO

Então e se eu não quiser que tu me *queiras*?

CÁRMIDES

Então, Estásimo, estás a comportar-te de uma maneira demasiadamente rude!

ESTÁSIMO

Seria melhor que comprasses alguém a quem pudesses dar ordens!

CÁRMIDES

Por Pólux, eu já comprei um e dei dinheiro por ele! Mas se ele não obedece ao que eu digo, o que hei-de fazer?

ESTÁSIMO

Dá-lhe um castigo severo.

CÁRMIDES

Estás a dar um bom conselho. Com certeza vou fazer isso.

ESTÁSIMO

A menos que tu tenhas alguma obrigação para com ele!

CÁRMIDES

Se ele for uma boa pessoa, então até tenho! Mas se fores o contrário, seguirei o teu conselho!

ESTÁSIMO

O que é que eu tenho a ver com tu teres bons ou maus escravos?

CÁRMIDES

Porque tens uma parte neste assunto, quer de bom, quer de mau.

ESTÁSIMO

Uma das partes eu deixo-a para ti; a outra, aquilo que é de bom, podes apresentar-ma!

CÁRMIDES

Se mereceres, assim será. (*Assumindo pose*) Olha aqui para mim! Eu sou o Cármides.

ESTÁSIMO

Ah! Que pessoa é que mencionou o nome desse bom homem?

CÁRMIDES

Esse mesmo bom homem em pessoa!

ESTÁSIMO

Oh, mar, terra, céus e deuses, pela confiança que deposito em vós, será que os meus olhos estão a ver bem? Será mesmo ele ou não? (*Olhando melhor*) É mesmo ele! De certeza que é ele! Não há dúvida de que é ele!... Oh meu tão desejado mestre, saúde!

CÁRMIDES

Saudinha para ti também, Estásimo!

ESTÁSIMO

Que estivesse são e salvo ... (*É interrompido*)

CÁRMIDES

Eu sei e acredito em ti. Mas deixa lá as outras coisas e responde-me a isto: como estão os meus filhos, o meu filho e a minha filha, que aqui deixei?

ESTÁSIMO

Estão vivos e de saúde.

CÁRMIDES

Um e outro?

ESTÁSIMO

Um e outro.

CÁRMIDES

Os deuses desejam-me salvo e livre de perigos! O resto que eu quero saber, irei informar-me lá dentro, com vagar. Vamos entrar. Segue-me. (*Dirige-se para a entrada da casa*)

ESTÁSIMO

Para onde é que tu vais?

CÁRMIDES

P'ra minha casa, para onde é que haveria de ser?

ESTÁSIMO

Pensas que estamos a viver aqui?

CÁRMIDES

Então onde é que eu haveria de pensar?

ESTÁSIMO

É que agora ...

CÁRMIDES

'É que agora' o quê?

ESTÁSIMO

Esta casa não é nossa.

CÁRMIDES (*surpreso*)

O que é que eu estou a ouvir-te dizer?!

ESTÁSIMO

O teu filho vendeu a casa.

CÁRMIDES

Estou perdido!

ESTÁSIMO

Por minas de prata, dinheiro vivo, contado.

CÁRMIDES

Por quantas?

ESTÁSIMO

Quarenta.

CÁRMIDES

Estou feito! Quem é que a comprou?

ESTÁSIMO

Cálicles, a quem tu confiaste os teus bens. Ele veio para aqui viver e pôs-nos fora de portas.

CÁRMIDES

Onde é que o meu filho vive agora?

ESTÁSIMO

Aqui, neste pequeno quarto das traseiras.

CÁRMIDES

Estou completamente perdido!

ESTÁSIMO

Eu já julgava que quanto ouvisses isso, ficarias perturbado.

CÁRMIDES

Para minha infelicidade, entre perigos extremos, levado pelos vastos mares, com a minha vida em perigo, consegui manter-me vivo por entre bandos de piratas e voltei a salvo. E agora, para minha infelicidade, é aqui que venho encontrar a minha perdição, por causa daqueles por quem eu tanto lutei, com esta idade! O desgosto mata-me! *(Volta a dirigir-se à casa)* Segura-me, Estásimo!

ESTÁSIMO *(vendo Cármides muito aflito)*

Queres que eu vá buscar-te uma aguinha?

CÁRMIDES

Quando os meus bens ainda estavam com vida, então é que se deveria ter aspergido! *(Vai bater à parta daquela que fora a sua casa)*

CENA 4

CÁLICLES

CÁRMIDES

ESTÁSIMO

CÁLICLES

Que barulho é este que ouço à frente da minha casa?

CÁRMIDES

Ó Cálicles!... Ó Cálicles!... Ó Cálicles!... A que espécie de amigo é que eu entreguei os meus bens?!

CÁLICLES

A um amigo honesto, leal, de confiança e de grande integridade. *(Cumprimentando-o)* Ora então viva! Alegro-me de que tenhas regressado são e salvo!

CÁRMIDES

Acredito nisso tudo ... se as coisas forem como dizes ... *(Vendo o modo como Cálicles fora atender à porta. Tomado de surpresa)*

pelas batidas, estaria todo sujo da escavação... Mas o que é que significam estes teus preparos?!

CÁLICLES

Eu vou dizer-te: eu estava aqui dentro a escavar o tesouro, para que se desse um dote à tua filha ... mas eu vou contar-te isto e as outras coisas aqui dentro de casa. Segue-me!

CÁRMIDES

Estásimo!

ESTÁSIMO

Hein?!

CÁRMIDES

Corre depressa até ao Pireu, e faz tudo de uma corrida só. Aí vais ver o navio em que chegámos. Diz a Sa(n)gário para tratar de desembarcar tudo aquilo que eu mandei, e, a seguir, volta com ele! Já foram pagos os direitos aduaneiros ao fiscal⁵¹. Nada deverá demorar-te! Vai, põe-te a caminho e volta rapidamente!

ESTÁSIMO

Estou lá e aqui num instante!

CÁLICLES (*para Cármides*)

Tu, segue-me aqui para dentro!

CÁRMIDES

Sigo.

ESTÁSIMO (*só*)

Só este é que permaneceu um amigo fiel ao meu amo e não permitiu que o seu ânimo se afastasse da mais pura fidelidade, ainda que tenha tido muitos trabalhos ... **** Mas só ele, segundo eu penso, manteve a confiança ... Julgo que ele deve ser recompensado pelo trabalho que teve.

⁵¹ Cf. Green 1929; Karakasis 2003. Cf. Radin 1910.

ACTO V

CENA 1

LISÍTELES

LISÍTELES (*falando de si próprio, para o público*)

Este indivíduo que está à vossa frente é o primeiro entre todos os homens, excedendo todos em prazeres e alegrias! Assim, recaem sobre mim as benesses que eu desejo; aquilo que faço vai em frente, subsiste. Assim, uma alegria faz-se acompanhar de outra alegria. Ainda agora, Estásimo, o servo de Lesbonico, veio ter comigo a casa. Ele contou-me que o seu amo, Cármenes, tinha chegado do estrangeiro. Agora eu devo ir imediatamente encontrá-lo, para que os assuntos que eu tratei com o filho encontrem agora no pai uma base de sustentação melhor. (*Ouvindo a porta da casa que fora de Cármenes a abrir-se*) Eu estou a ir, mas esta porta, com o seu ranger, está inoportunamente a atrasar-me. (*Esconde-se*)

CENA 2

CÁRMIDES

CÁLICLES

LISÍTELES

CÁRMIDES (*a sair de dentro de casa, na companhia de Cálicles, visivelmente satisfeito*)

Julgo que nunca existiu, nem vai existir, e penso até que não existe à face da terra homem cuja fidelidade e constância para com o seu amigo se equipare à tua. Porque sem ti ele ter-me-ia deixado ficar desalojado.

CÁLICLES

Se de alguma forma eu agi bem para com o meu amigo,

ou procurei olhar fielmente pelos seus interesses, julgo não merecer louvores, mas estar livre de culpa. Pois o bem que se dá para benefício próprio de uma pessoa é algo que deve dar-se como perdido. Aquilo que é dado a título de empréstimo assiste o direito de se reclamar quando muito bem se entender.

CÁRMIDES

É como tu dizes!... Mas eu ainda não consigo acreditar bem que ele tenha prometido a irmã em casamento a uma família tão importante.

CÁLICLES

É isso - a Lisíteles, o filho de Filtão.

LISÍTELES (*à parte*)

Eh lá! Ele está a dizer o meu nome.

CÁRMIDES

Ele entrou para uma excelente família.

LISÍTELES (*à parte*)

Porque é que eu hesito em ir falar com estas pessoas? (*Prepara-se para sair do esconderijo, mas detém-se*) Porém, acho que ainda devo aguardar, pois ele está a falar de um assunto que me interessa.

CÁRMIDES

Oh!

CÁLICLES

Que se passa?

CÁRMIDES

Esqueci-me de dizer-te isto ainda agora lá dentro. Quando eu estava a chegar, avistei um trapaceiro que me abordou - um completo tralfulha! Disse-me que transportava mil moedas de ouro, dadas por mim, para entregar a ti e ao meu filho Lesbónico

- um indivíduo que eu não sei quem era e que nunca vi em parte nenhuma! (*Cálicles começa a rir-se*) Mas porque ris?

CÁLICLES

Ele veio mandado por mim, como se fosse alguém que trouxesse ouro da tua parte para mim, para dar um dote à tua filha, para que o teu filho, quando eu lho entregasse pelas minhas mãos, pudesse supor que teria vindo da tua parte e não suspeitasse dessa história, nem que o teu tesouro estava na minha posse e mo viesse requerer, de acordo com as leis públicas, como sendo um bem que pertencera ao seu pai.

CÁRMIDES

Muito bem congeminado, por Pólux!

CÁLICLES

Foi Megarónides, um amigo comum, que deseja tanto o teu bem como o meu, quem imaginou isto.

CÁRMIDES

Bem, eu louvo e aplaudo este estratagema.

LISÍTELES (*à parte*)

Porque é que eu, na minha estupidez, enquanto temo interromper a conversa, continuo a ficar aqui sozinho e não estou a tratar daquilo que pretendia fazer? Vou falar com estes indivíduos. (*Sai do esconderijo*)

CÁRMIDES (*vendo um indivíduo a aproximar-se*)

Quem é este que está a vir para aqui para ao pé de nós?

LISÍTELES

Lisíteles saúda o seu sogro, Cármides!

CÁRMIDES

Que os deuses te concedam tudo o que desejares, Lisíteles!

CÁLICLES (*ficando sentido por não ter sido saudado*)

Então e eu? Não sou digno de um cumprimento?!

LISÍTELES

Com certeza! Salve, Cálices! Mas é justo dar a prioridade a este: afinal a túnica está mais próxima da pele do que o pálio ...

CÁRMIDES

Faço votos de que os deuses façam os vossos e os nossos planos correrem de feição! Então, estou a ouvir que a minha filha te foi prometida em casamento?...

LISÍTELES

A menos que tu não queiras.

CÁRMIDES

Não, não me oponho!

LISÍTELES

Prometes então dar-me a tua filha em casamento?

CÁRMIDES

Prometo e dou-te também mil moedas de ouro filípico de dote.

LISÍTELES

Eu não me importo com o dote.

CÁRMIDES

Se ela te agrada, então o dote que ela te apresenta também deve agradar-te. No fim de contas, tu não terás aquilo que desejas, a menos que fiques com aquilo que não desejas.

CÁLICLES

É justo o que ele pede.

LISÍTELES

Há-de consegui-lo, com um advogado e um juiz como tu! *(Para Cármides)* Mediante esta condição, prometes dar-me a tua filha em casamento?

CÁRMIDES

Prometo.

CÁLICLES

E eu também me junto a essa promessa!

LISÍTELES

Oh, Vivas para vós, meus parentes por afinidade!

CÁRMIDES

Mas, por Pólux, ainda há coisas pelas quais ainda estou irritado contigo.

LISÍTELES

O que é que eu fiz?

CÁRMIDES

Porque permitiste que o meu filho se tornasse dissoluto.

LISÍTELES

Se ele tivesse feito a minha vontade, então terias motivo para censurar-me. (*Vendo a reacção de Cármides*) Mas porque estás a abanar a cabeça?

CÁRMIDES

O meu coração está apertado e eu tenho receio ...

LISÍTELES

Por que razão?

CÁRMIDES

Sofro porque ele está a ser como eu não queria que ele fosse. E temo que se te recusar o que me pedes, tu poderás pensar que me és indiferente. Não vou dificultar as coisas. Por isso, farei o que desejas.

LISÍTELES

És uma pessoa decente. Eu vou chamá-lo. (*Vai chamar Lesbónico*)

CÁRMIDES

É triste, quando a pessoa não pode punir as faltas como elas mereciam.

LISÍTELES (*batendo à porta do quarto das traseiras*)

Abram a porta! Abram depressa e se Lesbonico estiver em casa, chamem-no para fora! É uma coisa inesperada e por isso eu quero que ele venha depressa falar comigo!

CENA 3

LESBONICO

LISÍTELES

CÁLICLES

CÁRMIDES

LESBONICO

Que indivíduo é que tem estado a chamar-me subitamente lá fora, com tanto alarido?

LISÍTELES

É alguém que te quer bem e é teu amigo.

LESBONICO

Está tudo bem? - diz-me.

LISÍTELES

Está tudo bem. Alegro-me de que o teu pai tenha regressado bem do estrangeiro.

LESBONICO (*surpreendido*)

Quem diz isso?!

LISÍTELES

Eu.

LESBONICO

E tu viste-o?

LISÍTELES (*assentindo com a cabeça*)

E tu também podes vê-lo.

LESBONICO (*correndo ao encontro do pai*)

Oh, pai, meu pai! Salve!

CÁRMIDES

Muitas felicidades para ti, meu filho!

LESBONICO

Pai, se algum problema ...

CÁRMIDES

Não me chegou nada! Não temas! Regresso a salvo, com os meus bens bem geridos. Se tu queres assentar, ... a filha de Cálicles foi-te prometida.

LESBONICO

Eu caso-me com ela, meu pai ... e com qualquer outra que tu me mandes!

CÁRMIDES

Embora eu me tivesse aborrecido contigo, *uma* infelicidade já é o bastante para um só homem.

CÁLICLES

Pois para ele ainda é pouco! Mesmo que tivesse que casar com cem mulheres, pelas suas faltas, ... seria pouco.

LESBONICO

Mas daqui em diante vou acalmar.

CÁRMIDES

Assim o dizes. Desde que o faças assim ...

LISÍTELES

Há alguma razão para que eu não me case amanhã?

CÁRMIDES

Está muito bem. Tens permissão. (*Para Lesbónico*) E tu, prepara-te para casares depois de amanhã.

NARRADOR

Venham daí os aplausos!

BIBLIOGRAFIA

- Abel, K. (1955), *Die Plautusprologue*, Diss., Frankfurt am Main, s.n.
- Anderson, W. (1979), "Plautus' 'Trinummus': The Absurdity of Official Morality", *Traditio* 35: 333-345.
- Bain, C. (1889), "On a Passage in the *Trinummus*", *AJPh* 10.1: 84-85.
- Bridgham, J. (1943), "Plautus, *Trinummus* 845", *CJ* 38.4: 226-227.
- Brix, E. (1870), *Ausgewählte Komödien des T. Maccius Plautus, für den Schulgebrauch*, 1, Leipzig, Teubner.
- Buck, C. (1940), *A Chronology of the Plays of Plautus*, Diss., Baltimore, Johns Hopkins University.
- Burck, E. (1954), "Amor bei Plautus und Properz (Plautus, *Trinummus* 223-275; Properz II,12)", *Arctos* N.S. 1: 32-60.
- Burton, P. (2004), "Amicitia in Plautus: A Study of Roman Friendship Processes", *AJPh* 125.2: 209-243.
- Danese, R. (1991), "La grande monodia di Carmide ("Trin." 820-842a): Stereotipia tematica e originalità stilistica", *QUCC* 38.2: 107-144.
- Della Corte, F. (1967), *Da Sarsina a Roma. Ricerche Plautine*, Firenze, La Nuova Italia Editrice.
- Earl, D. (1960), "Political Terminology in Plautus", *Historia* 9: 235-243.
- Fantham, E. (1977), "Philemon's *Thesaurus* as a Dramatisation of Peripatetic Ethics", *Hermes* 105: 406-421.
- Fraenkel, E. (2008), *Plautine Elements in Plautus*, Oxford, Oxford University Press.
- Frank, T. (1932), "Some Political Allusions in Plautus' *Trinummus*", *AJPh* 53: 152-156.
- Freté, A. (1930), *Essai sur la Structure dramatique des Comédies de Plaute*, Paris, Les Belles-Lettres.

- Gagliardi, D. (1963), "Aspetti del teatro comico latino: La 'politica' di Plauto", *Le Parole e le Idee* 5: 161-174.
- Gratwick, A. (1981), "Curculio's Last Bow: Plautus, *Trinummus* IV. 3", *Mnemosyne* 34: 331-350.
- Green, W. (1929), "Greek and Roman Law in the *Trinummus* of Plautus", *CPh* 24.2: 183-192.
- Harsh, P. (1944), *A Handbook of Classical Drama*, Stanford, Stanford University Press.
- Haupt, M. (1850), "Zum Plautinischen *Trinummus*", *RhM* 7: 477-479.
- Hopkins, A. (1895), "On a Misunderstood Passage in the '*Trinummus*' of Plautus, vs. 642. 4", *CR* 9.6: 307-309.
- Hunter, R. (1980), "Philemon, Plautus and the *Trinummus*", *MH* 37.4: 216-230.
- Karakasis, E. (2003), "Legal Language in Plautus with Special Reference to '*Trinummus*'", *Mnemosyne* 56.2: 194-209.
- Klotz, A. (1863), "Zu Plautus *Trinummus* und Diomedes", *Jahrbücher für klassische Philologie* 87: 627-628.
- Lefèvre, E. (1993), "Politics and Society in Plautus' *Trinummus*", in SCODEL, R. (ed.), *Theater and Society in the Classical World*, Ann Arbor, University of Michigan Press: 177-190.
- Lindsay, W. (1896), *The Palatine text of Plautus*, Oxford, Parker.
- Mattingly, H., Robinson, E. (1935), "Nummus", *TAPhA* 46.3: 225-231.
- Muecke, F. (1985), "Names and Players: The Sycophant Scene of the '*Trinummus*' (*Trin.* 4.2)", *TAPhA* 115: 167-186.
- Nitzsch, G. (1857), "*Trinumm.* II, 2, 86 und 87 = 367 f.", *RhM* 12: 134-136.
- Prescott, H. (1910), "Plautus' *Trinummus* 675", *CPh* 5.1: 103-104.
- Radin, M. (1910), "Greek Law in Roman Comedy", *CPh* 5.3: 365-367.
- Ribbeck, O. (1872), "Zu Plautus' *Trinummus*", *RhM* 27: 177-180.

- Riemer, P. (1996), *Das Spiel im Spiel: Studien zum plautinischen Agon in Trinummus und Rudens*, Stuttgart and Leipzig, B. G. Teubner.
- Rosivach, V. (1986), "Love and leisure in Roman comedy and the amatory poets", *AC* 55: 175-189.
- Sedgwick, W. (1949), "Plautine Chronology", *AJPh* 70.4: 376-383.
- Segal, E. (1974), "The Purpose of the Trinummus: For J. Arthur Hanson", *AJPh* 95.3: 252-264.
- Slater, N. (1985), "A Note on Plautus' *Trinummus* 705-707", *CW* 79.1: 33-34.
- Slater, N. (1987), "The Dates of Plautus' *Curculio* and *Trinummus* Reconsidered", *AJPh* 108.2: 264-269.
- Sonnenschein, E. (1890), "A Plautine Palimpsest of the Ambrosian Library", *CR* 4.7: 308-310.
- Stein, J. (1970), "Morality in Plautus' *Trinummus*", *CB* 47: 7-13.
- Studemund, W. (1866), "Der Plautinische Trinummus im Codex Ambrosianus", *RhM* 21: 574-621.
- Studemund, W. (1889), *A Plautine Palimpsest of the Ambrosian Library T. Macci Plauti Fabularum Reliquiae Ambrosianae*, Berlin, Weidmann.
- Teuffel, W. (1873), "Plautus' *Trinummus*", *RhM* 28: 344-347.
- Webster, T. (1970), *Studies in Later Greek Comedy*, Manchester, Manchester University Press.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE TEMÁTICO

(noções, topónimos, antropónimos citados ao longo do texto)

- absinto – 90
abutre – 37, 37 n.25
água – 32, 73
alfândega – 79, 79 n. 36
amigo – 14-17, 21, 24, 28, 29, 32-37, 41, 43, 45, 48-51, 58, 69-71, 74, 75, 77, 84-87, 89, 92, 99, 100, 104-106, 108, 111
amizade – 21, 36, 40, 53, 57, 60, 76,
Amor – 18, 44-45, 72
amor(es) – 15, 17, 38, 44, 71
Aqueronte – 60, 62
Arábia – 12, 82, 82 n. 39, 90
arco – 75
árvore – 63
Ásia – 67, 82
Atenas/ateniense – 29,
ave – 55
avô – 71, 93
banqueiro – 56
banquete – 59-60
barco – 81
caçador – 55
Cálias – 88
Calidémides – 88
Calinico – 88
Calipo – 88
Calírmaco – 88
Campânia – 13, 63
Cares – 89
carta – 86
casa (vd. ‘*habitação*’) – 5, 14-17, 21, 29-30, 32-33, 37, 38-42, 46, 51, 53-54, 56, 65, 67, 69, 73-74, 76, 80, 82-83, 91, 96-98, 100, 102-106, 111
casamento – 15, 17-19, 29, 34, 52-53, 57-58, 60-61, 66-68, 73-76, 78, 107, 109, 112
Cecrópia – 90
Cercóbulo – 97, 97 n.44
Cercónico – 97, 97 n.42
céu – 91-92, 101
chumbo – 92
Colabo – 97, 97 n.45
comerciante – 97, 97 n.48,
confiança – 14, 20, 37, 39-40, 62, 81, 99, 101, 104-105
costume (vd. ‘*hábito*’) – 21-22, 32, 35, 46-47, 63, 70-71, 81, 98
cozinheiro – 55

- Crino – 97, 97 n.43
- Cupido – 72
- deus – 34, 40, 50, 53, 57, 60, 62, 65, 81, 88-89, 91, 96, 98, 101-102, 108-109
- dinheiro – 16, 20, 38, 41, 54-55, 76-77, 82-83, 96, 99-100, 103
- dívida – 14, 56
- divindade – 32 n.22, 33, 81
- dote – 5, 15-16, 20, 29, 40, 52, 60-61, 65-66, 68-69, 73, 75-78, 105, 108-109
- dracma – 40 n.26, 56, 82 n.38
- escavar – 76, 79, 105
- escravo (vd. *'servo'*) – 5, 16-17, 20-21, 23, 45, 45 n.28, 47, 57, 62, 91, 97, 100-101
- esposa – 18, 37, 52, 73
- estrangeiro – 16, 39, 77-78, 79 n.36, 96, 106, 111
- família – 45, 52-53, 68, 73, 107,
- fidelidade – 5, 21, 39, 42, 105-106
- filha – 5, 14, 16-17, 19, 30, 37, 40, 42, 102, 105, 108-109, 112
- filho – 5, 16-17, 21, 28-29, 37, 40, 50-51, 54, 56-58, 60, 62, 65, 68-69, 82, 84, 86, 92, 102-103, 106-108, 110, 112
- filhos – 14, 18, 29, 84, 99, 102
- filípico – 40, 40 n. 26, 92-93, 109
- fogo – 73
- formiga – 55
- fortuna – 50, 59,
- fórum – 16, 45-46, 71, 75, 80
- galinha – 90
- garganta – 63
- Gorgulho/*Gorgulho* – 12, 24-25, 97
- grego – 13, 30, 31 n.21
- habitação (vd. *'casa'*) – 5, 15
- hábito (vd. *'costume'*) – 18, 25, 32, 51, 87, 98-99
- Hércules 34, 55, 57-59, 64, 75-77, 79, 83, 91, 94, 99
- Hilurica – 82, 82 n.40
- incenso – 90
- Insolação – 63, 63 n.31
- inveja – 29, 46
- irmã – 5, 15, 18, 29, 52, 57-58, 60-61, 65-66, 68, 73, 75, 107
- irmão – 15, 76, 81
- Jogos Megalenses – 13
- jovem – 14-15, 18, 28, 30, 37-38, 43, 48, 51-52, 56, 76, 78, 84-85, 93
- Júpiter – 43, 57, 81, 91
- Júpiter Capitolino – 36
- Lares – 32, 32 n. 22
- Lealdade – 32
- lei – 98-99, 108
- letra – 13, 87-88
- lobo – 40
- Macedónia – 12, 40 n. 26, 82
- mãe – 14, 18, 37
- maldição (-ões) – 15, 96
- mar(es) – 81, 101, 104
- mastro – 81
- mentiroso – 21, 42, 44, 78, 80, 90
- milhar – 40, 45, 56, 92-93, 96, 107, 109

- mina – 16 n.14, 17, 38, 40 n.26,
 54-55, 74, 75 n.34, 103
 modelo – 9, 11
 moeda – 15-16, 21, 40 n.26, 82,
 82 n.38, 92-93, 96, 107, 109
 monólogo – 21-24
 mulher – 19, 33-34, 36, 45, 52,
 79, 112
 Nereu – 81
 olho – 44, 58-59, 76, 82-83, 88,
 92, 97, 101
 Olímpico – 56
 onda – 81
 orégão – 90
 ouro – 15-16, 29, 40, 40 n.26, 78-
 79, 92-94, 107-109
 ovelha – 63
 padeiro – 55
 pai – 5, 14-15, 18, 20, 29-30, 40,
 40 n.26, 41, 46-52, 54, 56, 67,
 71, 76, 78-79, 85, 89, 93, 99,
 106, 108, 111-112
 Pandora – 19
 papoila – 55
 Paz – 85, 92
 peixeiro – 55
 perfumista – 55
 Pireu – 105
 (P)pobreza – 14, 18, 25, 28, 30,
 37-38, 52, 72-73, 82
 Pólux – 33, 35-36, 38-39, 41, 49-
 52, 56-57, 59-60, 62, 65, 67-
 69, 79, 81-83, 85-87, 89-90,
 92-93, 96, 100, 108, 110
 Ponto – 90
 porta – 17, 54, 69, 83-84, 103-
 104, 106, 111
 porto – 17
 povo – 11, 37, 76
 prata – 103
 propriedade – 52, 55, 62, 69, 92,
 97
 quarto – 39, 42, 45, 103, 11
 Radamante – 90
 raio – 63
 rapariga – 15, 42, 52, 69, 76, 78
 rapaz – 14, 16, 38, 42-43, 56, 78-
 80, 85
 rebanho – 40
 rico – 28, 56, 59-60, 64, 81
 rio – 91
 romano(s) – 11, 19, 24, 31 n. 21
 Sa(n)gário – 105
 Saúde – 33, 78, 101-102
 Segredo – 5, 14-15, 18, 24, 40, 43-
 44, 62, 64, 77, 79-80
 Selêucia – 37, 78, 82, 86
 servo (vd. *'escravo'*) – 16, 20, 28,
 54, 79, 106
 seta – 75
 silêncio – 14, 23, 31, 96
 Síria – 12
 sírio – 63
 talento – 51, 75, 75 n.34, 100
 talhante – 55
 tempestade – 54, 81
 templo – 36, 59
 terra – 20, 61-64, 67, 72-74, 81,
 92, 101, 106

ÍNDICE TEMÁTICO

- terreno – 15, 20, 62-63, 67, 69, 74
- tesouro – 5, 11, 14-15, 21, 29-30,
39, 41, 76, 79, 105, 108
- três – 16, 21-22, 40, 82, 82 n. 38,
92, 96-97
- trono – 91
- Truco – 97, 97 n.41
- vela – 81
- velho – 5, 20, 28-30, 33, 64, 84,
94
- venda – 5, 14-15
- Vénus – 72
- verdade – 5, 16, 20, 23, 32, 34, 37,
51, 58, 61, 72, 77, 95, 97
- verdureiro – 55
- viagem – 5, 17, 30, 75, 85
- vizinho – 59

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS LATINOS

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
2. José Henrique Manso: *Arátor. História Apostólica - a gesta de S. Paulo*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
3. Adriano Milho Cordeiro: *Plauto. O Truculento*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
4. Carlota Miranda Urbano: *Santo Agostinho. O De excidio Vrbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
5. Ana Alexandra Sousa: *Sêneca. Medeia*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH/CEC, 2011).
6. Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno Simões Rodrigues: *História Augusta. Volume I*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
7. Reina Marisol Troca Pereira: *Plauto. A Comédia do Fantasma ('Mostellaria')*. Tradução do latim, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
8. Reina Marisol Troca Pereira: *Plauto. As três moedas (Trinummus)*. Tradução do latim, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

IMPRESSÃO:

ARTIPOL - ARTES TIPOGRÁFICAS, LDA.

ZONA INDUSTRIAL DE MOURISCA DO VOUGA, APARTADO 3051

3754-901 ÁGUEDA

Resumo da Obra

Trinummus apresenta-se como mais uma fabula *palliata* de Plauto. Enriquecida pela arte do autor latino, o resultado obtido revelou-se demasiado entediante, elevado e elitista, face ao que habitualmente caracterizava o cômico plautino. Mediante personagens-tipo de classes sociais recorrentes (e.g. velhos, jovens, escravos), abordam-se temas de relevo, centrados, sobretudo, na amizade, moralidade, fidelidade. Assim, o *senex* Cármides, cujos bens perigavam, devido ao seu filho, Lesbonico, deixa Atenas, para remediar a situação. Deixa a sua joven prole (filho e filha) ao cuidado do seu amigo Cálicles, assim como a sua casa, que, conforme lhe confia, em segredo, continha um tesouro enterrado. Porém, encurralado entre o segredo do amigo e o espírito dissoluto de Lesbonico, que aproveitara a viagem do pai para obter lucros, colocando a casa à venda, Cálicles compra a habitação. Por seu turno, o joven Lisíteles, involuntariamente, viria agravar o caso, ao pretender desposar a irmã de Lesbonico. Gera-se a necessidade de providenciar um dote, imperativo em que se ocupa Lesbonico e, de novo, o protector Cálicles. De início alvo de crítica social, na pessoa de Megarónides, e, em termos particulares, de Cármides, entretanto regressado, as suas atitudes são, por fim, louvadas, quando esclarecido o seu propósito.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

